

FATEC IPIRANGA

CURSO DE TECNOLOGIA EM ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

PROF. DR. MANOEL FRANCISCO GUARANHA

SÃO PAULO - 2018

Sumário

I - Fundamentos da linguística computacional: gramática gerativa	3
II - As dimensões do texto – movimentos de leitura e escrita	17
III - Movimentos de leitura – fatos do texto – coesão	20
IV – Estudo da argumentação	36
V – Comunicação empresarial.....	44
VI – Níveis de linguagem	76

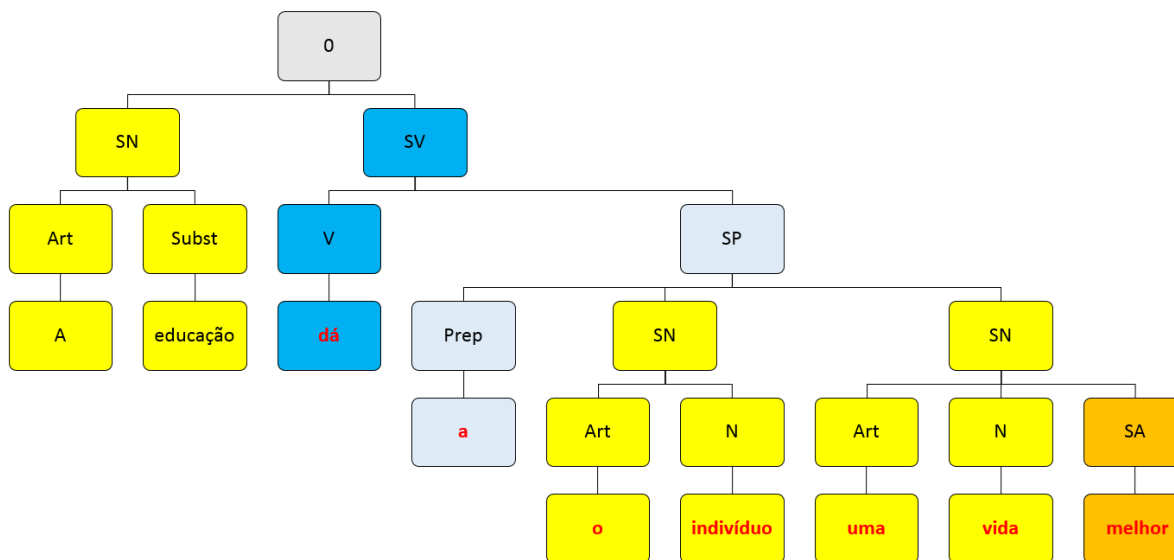
Gramática Gerativa

Manoel Francisco Guaranha

Referência: SOUZA e SILVA M. Cecília P; KOCH, Ingedore. **Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe**. São Paulo: Cortez, 1986.

Gramática gerativa

- Toda a sequência de palavras de uma frase é uma sequência de estruturas de que as palavras são partes.
- O modelo linguístico adequado para dar conta do processamento é o estrutural.
- Sintagmas: elementos constituintes de uma frase.
- A educação dá ao indivíduo uma vida melhor. -> Oração
- A educação -> Sintagma
- dá -> Sintagma
- ao indivíduo -> Sintagma
- uma vida -> Sintagma
- melhor. -> Sintagma

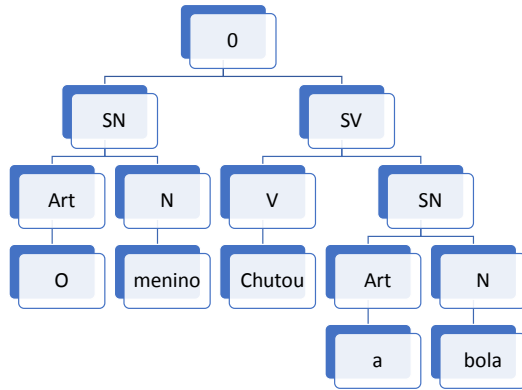


Gramática: conjunto finito de regras que pode gerar um conjunto infinito de frases. Não temos um punhado de enunciados, mas regras para formar enunciados a partir de um banco de dados.

- Regras;
 - Sequência de passos;
 - Traço da recursividade;
 - Vocabulário;
 - Categorização dos sintagmas (elementos não terminais);
 - Categorização das palavras (elementos terminais).
 - Teremos formado a frase quando todos os elementos forem terminais.
- Elementos não terminais:
 - 1. $O \rightarrow SN + SV$
 - 2. $SN \rightarrow Art + N$
 - 3. $SV \rightarrow V + SN$
 - Elementos terminais:
 - 4. $Art \rightarrow o, a, os, as, um, uns...$
 - 5. $S \rightarrow menino, menina, pedra, bola...$
 - 6. $V \rightarrow chutou, pegou, beijou, comeu...$
- $O \rightarrow o + N + SV$
 - $O \rightarrow o + menino + SV$
 - $O \rightarrow o + menino + chutou + SV$
 - $O \rightarrow o + menino + chutou + Art + S$
 - $O \rightarrow o + menino + chutou + a + N$
 - $O \rightarrow o + menino + chutou + a + bola.$

Gramática: conjunto finito de regras que pode gerar um conjunto infinito de frases. Não temos um punhado de enunciados, mas regras para formar enunciados a partir de um banco de dados.

- Diagrama arbóreo: O menino chutou a bola.



Oração				
O menino chutou a bola.				
SN		SV		
Art	N	V	SN	
O	menino	chutou	Art	N
			a	bola

Detalhamento de O -> SN + SV (SP)

- O -> SN + SV (SP)
- Essa fórmula deve ser traduzida do seguinte modo:
- A oração é reescrita como a soma do Sintagma Nominal, mais o Sintagma Verbal e mais o Sintagma Preposicional.
- Repare que o Sintagma Preposicional está entre parênteses porque é opcional:
- O -> SN + SV (SP)
- O -> João + viajou + de ônibus.

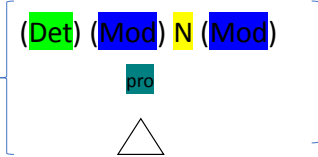
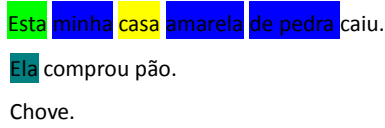
Terminologia

SIGLAS	RÓTULO
SN	SINTAGMA NOMINAL
SV	SINTAGMA VERBAL
SA	SINTAGMA ADJETIVAL
SP	SINTAGMA PREPOSICIONADO
SPa	SINTAGMA PREPOSICIONADO ADJUNTO
SPc	SINTAGMA PREPOSICIONADO COMPLEMENTO
Det	Determinante
Pre-det	Pré determinante
Det-base	Determinante base
Pos-det	Pós determinante
Mod	Modificador
Intens	Intensificador
N	Nome
Art	Artigo
V	Verbo
Adj	Adjetivo
Adv	Advérbio

Detalhamento de: O -> SN + SV (SP)

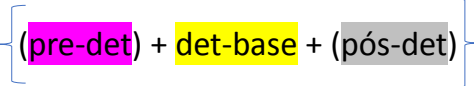
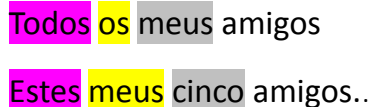
- O -> SN + SV (SP)
- Tradução: A oração é reescrita como a soma do Sintagma Nominal, mais o Sintagma Verbal e mais o Sintagma Preposicional.
- O -> SN + SV (SP)
- O -> João + viajou + (de ônibus).
- Repare que o Sintagma Preposicional está entre parênteses porque é opcional, posso dizer apenas “João viajou”.

Detalhamento do Sintagma Nominal - SN

- SN -> (Det) (Mod) N (Mod)  

- Tradução: O Sintagma Nominal é reescrito como a junção de um determinante opcional, de um modificador opcional, de um nome e de outro modificador opcional.
- Pode ser reescrito somente com um pronome.
- Pode não existir na oração.

Detalhamento do Determinante- Det

- Det -> (pre-det) + det-base + (pós-det)  

- Tradução: O determinante é reescrito como a junção de um pré-determinante opcional, de um determinante-base e de um pós-determinante opcional.

Detalhamento do Modificador- Mod

- Mod -> $\left\{ \begin{array}{l} \text{SA} \\ \text{SP} \end{array} \right\}$ Esta matéria é complicada.
O estudo desta matéria é complicado.
Os alunos gostaram desta matéria.
- Tradução: O modificador é reescrito como um Sintagma Adjetival ou como um Sintagma Preposicionado.

Detalhamento do Sintagma Adjetival- SA

- SA -> $\left\{ \begin{array}{l} (\text{intens}) \text{ (SPa) Adj (SPc) \end{array} \right\}$
 - Tradução: O Sintagma Adjetival é reescrito como um intensificador opcional, um Sintagma Preposicionado adjunto opcional, um Adjetivo e um Sintagma Preposicionado complemento opcional.
- | | | | | | |
|----------------|-----|----------|----------------|---------------|------------|
| SN | SV | SA | | | |
| | | SPa | intens | Adj | SPc |
| [A ignorância] | [é] | [sempre] | [extremamente] | [prejudicial] | [ao país]. |

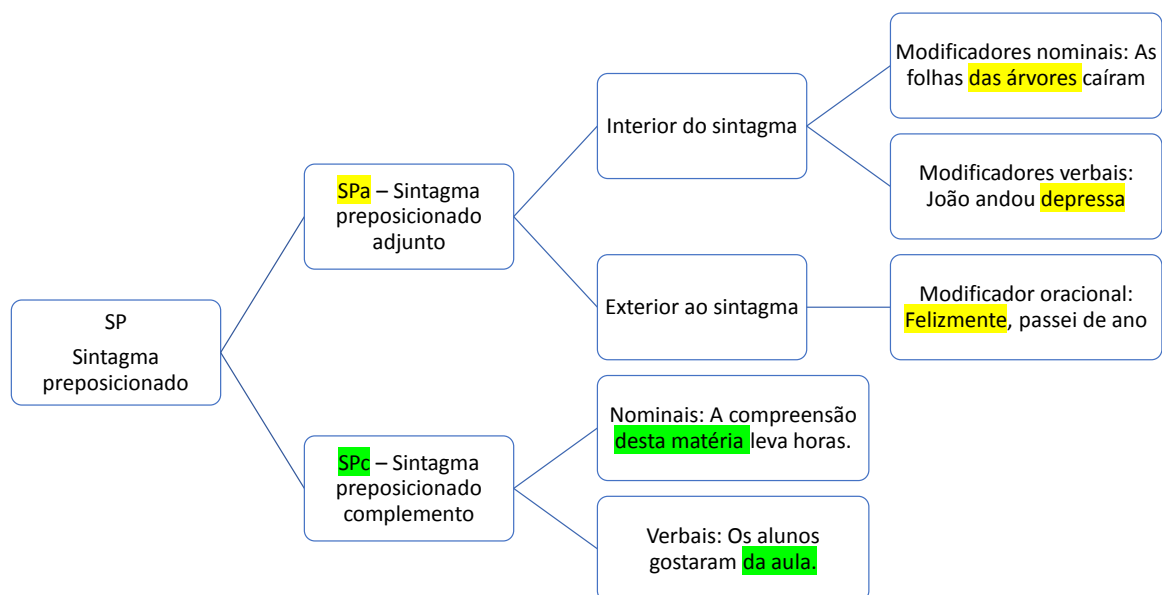
Detalhamento do Sintagma Preposicionado - SP

• SP -> { (prep) + SN
adv }

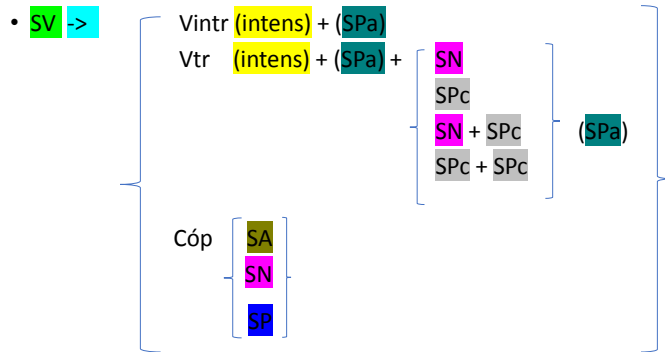
- Tradução: O Sintagma Preposicionado é reescrito como uma preposição, mais um Sintagma Nominal opcional ou como um Advérbio.

SN	SV	SP
[O eleitor]	[votou]	[com consciência].
[O eleitor]	[votou]	[conscientemente].

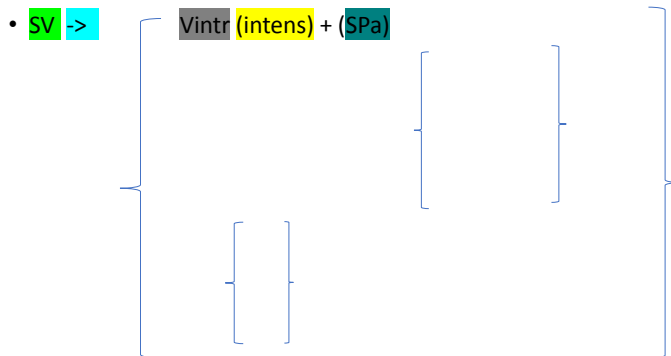
Sintagmas Preposicionados adjunto (SPa) e complemento (SPc)



Detalhamento do Sintagma Verbal - SV



Detalhamento do Sintagma Verbal - SV



Tradução: o Sintagma verbal é reescrito como verbo intransitivo, mais intensificador opcional mais Sintagma Preposicionado adjunto opcional.

Detalhamento do Sintagma Verbal - SV

• SV -> { V_{intr} (intens) + (SPa) }

Pedro adormeceu.

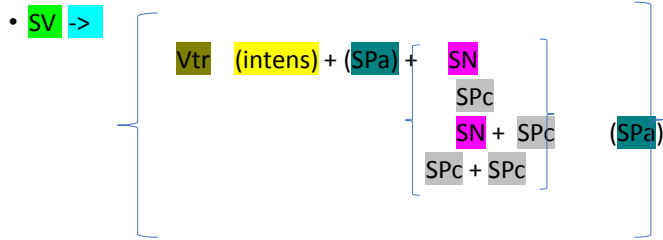
Pedro andou muito depressa.

Detalhamento do Sintagma Verbal - SV

• SV -> { V_{tr} (intens) + (SPa) + { SN, SPc, SN + SPc, SPc + SPc } (SPa) }

Tradução: o Sintagma Verbal é reescrito como Verbo transitivo mais Sintagma Preposicional adjunto opcional, mais sintagma nominal ou Sintagma Preposicionado Complemento ou Sintagma Nominal mais Sintagma Preposicionado complemento ou Sintagma Preposicionado complemento mais Sintagma Preposicional complemento mais Sintagma Preposicionado complemento opcional.

Detalhamento do Sintagma Verbal - SV



Paulo estuda no Ipiranga.

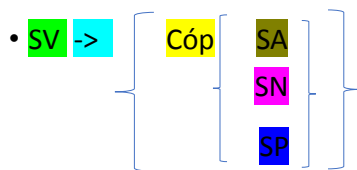
O homem atravessou a rua muito rapidamente.

O cliente comprou muito rapidamente o carro.

O estudante compreendeu quase instantaneamente a lição

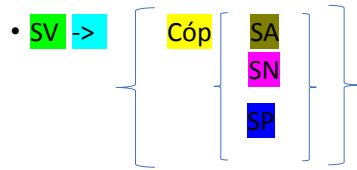
Os alunos deste prédio pediram um aparelho de ar condicionado ao diretor.

Detalhamento do Sintagma Verbal - SV



Tradução: Sintagma verbal é reescrito como verbo copulativo (de ligação) mais Sintagma Adjetival ou Sintagma nominal ou Sintagma Preposicionado.

Detalhamento do Sintagma Verbal - SV



A Lua é desabitada.

A Lua é um satélite.

Estes ingressos são do cliente.

Exercícios – gramática gerativa:

1. À direita, encontram-se caixas que representam regras de estrutura frasal (à semelhança dos diagramas arbóreos). Indique a caixa à direita que melhor representa a constituição do *sintagma nominal* à esquerda.

(a)

SN			
Det	N	Mod	
		S. Adj	
		Adv	Adj

- () Meus bons amigos de São Paulo . . .
- () Nossa amiga muito querida . . .
- () Todos aqueles seus brinquedos . . .
- () As minhas luvas vermelhas . . .
- () Aquela atriz tão bonita . . .
- () Os novos lápis de cera . . .
- () Estas suas pinturas modernas . . .
- () Livros úteis a todos . . .
- () Alguns dos nossos colegas . . .
- () Vício prejudicial à saúde . . .

(b)

SN		
N	Mod	
	S. Adj	
	Adj	SP

(c)

SN			
Det	Mod	N	Mod
	Adj		SP

(d)

SN			
Det		N	Mod
Det base	Pós D.		Adj

(e)

SN			
Det			N
Pré D.	Det base	Pós D.	

Exercícios – gramática gerativa:

2. Indique a caixa à direita que melhor representa a constituição do *sintagma verbal* à esquerda.

- | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--|---|----|--|-----|----|----|--|--|---|----|----|----|--|---|----|----|--|---|--|----|--|-----|----|----|--|---|----|----|--|-----|---------|
| <p>() Fui para o interior.</p> <p>() ... é de madeira.</p> <p>() ... recebeu um telefonema do amigo.</p> <p>() Ventava.</p> <p>() ... encontramos o mapa.</p> <p>() ... está com gripe.</p> <p>() ... caiu.</p> <p>() Saboreamos o bolo.</p> <p>() ... é um jovem tranqüilo.</p> <p>() ... Gostamos deste companheiro.</p> <p>() ... deu um anel à namorada.</p> <p>() ... estava feliz com os resultados.</p> | <p>(a) <table border="1" style="border-collapse: collapse; text-align: center; width: 100px; height: 40px;"><tr><td colspan="2">SV</td></tr><tr><td>Cop</td><td>SN</td></tr></table></p> <p>(b) <table border="1" style="border-collapse: collapse; text-align: center; width: 100px; height: 40px;"><tr><td colspan="3">SV</td></tr><tr><td>V</td><td>SN</td><td>SP</td></tr></table></p> <p>(c) <table border="1" style="border-collapse: collapse; text-align: center; width: 100px; height: 40px;"><tr><td colspan="2">SV</td></tr><tr><td>V</td><td>SN</td></tr></table></p> <p>(d) <table border="1" style="border-collapse: collapse; text-align: center; width: 100px; height: 40px;"><tr><td colspan="2">SV</td></tr><tr><td colspan="2">V</td></tr></table></p> <p>(e) <table border="1" style="border-collapse: collapse; text-align: center; width: 100px; height: 40px;"><tr><td colspan="2">SV</td></tr><tr><td>Cop</td><td>SP</td></tr></table></p> <p>(f) <table border="1" style="border-collapse: collapse; text-align: center; width: 100px; height: 40px;"><tr><td colspan="2">SV</td></tr><tr><td>V</td><td>SP</td></tr></table></p> <p>(g) <table border="1" style="border-collapse: collapse; text-align: center; width: 100px; height: 40px;"><tr><td colspan="2">SV</td></tr><tr><td>Cop</td><td>S. Adj.</td></tr></table></p> | SV | | Cop | SN | SV | | | V | SN | SP | SV | | V | SN | SV | | V | | SV | | Cop | SP | SV | | V | SP | SV | | Cop | S. Adj. |
| SV | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Cop | SN | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| SV | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| V | SN | SP | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| SV | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| V | SN | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| SV | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| V | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| SV | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Cop | SP | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| SV | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| V | SP | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| SV | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Cop | S. Adj. | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

Exercícios – gramática gerativa:

Represente graficamente as frases a seguir por meio de diagramas arbóreos

1. O carro rodava suavemente na estrada asfaltada.
2. Maria comprou muitas roupas de frio.
3. Gostamos de música popular.
4. O aluno pediu explicação ao professor.
5. Falei da matéria ao professor ontem.
6. As mercadorias estavam caras.
7. Paula é minha amiga de infância.
8. Aquele artista é de São Paulo.
9. Venderam frutas no supermercado.
10. Pensamos no almoço com carinho.
11. Agrotóxicos são prejudiciais à saúde.
12. Precisam-se de serventes na obra vizinha.
13. Este bairro da cidade é perigoso.
14. O cliente está muito feliz com o seu produto.
15. Apresente seu crachá na entrada do prédio.
16. Os cinco executivos visitarão amanhã a fábrica.
17. Todos os habitantes desta cidade foram contra as novas medidas do Prefeito.
18. Aquelas mulheres dedicaram algumas horas ao trabalho durante o dia.
19. O vendedor atencioso dispensava todos os cuidados ao cliente.
20. Os artistas de rua são muito injustiçados pelo público.

15 de novembro – Lima Barreto

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República. Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que moro, num subúrbio distante. Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática; e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram. Entretanto, li com tristeza a notícia da morte da princesa Isabel. Embora eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais, não posso deixar de confessar que simpatizo com essa eminente senhora.

Veio, entretanto, vontade de lembrar-me o estado atual do Brasil, depois de trinta e dois anos de República. Isso me acudiu porque topei com as palavras de compaixão do Senhor Ciro de Azevedo pelo estado de miséria em que se acha o grosso da população do antigo Império Austríaco. Eu me comovi com a exposição do doutor Ciro, mas me lembrei ao mesmo tempo do aspecto da Favela, do Salgueiro e outras passagens pitorescas desta cidade.

Em seguida, lembrei-me de que o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para reconstrução da avenida Beira-Mar, recentemente esborrachada pelo mar.

Vi em tudo isso a República; e não sei por quê, mas vi.

Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de *parvenu*, tendo como *repoussoir* a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo.

Saí pelas ruas do meu subúrbio longínquo a ler as folhas diárias. Lia-as, conforme o gosto antigo e roceiro, numa "venda" de que minha família é freguesa.

Quase todas elas estavam cheias de artigos e tópicos, tratando das candidaturas presidenciais. Afora o capítulo descomposturas, o mais importante era o de falsidade.

Não se discutia uma questão econômica ou política; mas um título do Código Penal.

Pois é possível que, para a escolha do chefe de uma nação, o mais importante objeto de discussão seja esse?

Voltei melancolicamente para almoçar, em casa, pensando, cá com os meus botões, como devia qualificar perfeitamente a República.

Entretanto - eu o sei bem - o 15 de Novembro é uma data gloriosa, nos fastos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país.

Marginália, 26-11-1921

I - Movimentos de leitura e escrita – parafrasear

Paráfrase: é uma maneira diferente de dizer algo que foi dito; frase sinônima de outra expressão de um texto com outras palavras. Para este exercício, pede-se que se faça uma paráfrase de redução que consiste em excluir do texto tudo o que pareça, à primeira vista, não essencial ao entendimento global da produção.

a) Neste primeiro movimento de leitura, escreva em um parágrafo de, no máximo, cinco linhas uma paráfrase do texto lido:

Sugestão para se iniciar a paráfrase: “No texto ‘15 de novembro’, o autor Lima Barreto...”

b) Juntem-se em pequenos grupos e comparem as paráfrases de cada componente do grupo sobre o texto. O grupo deverá escolher, entre as paráfrases dos componentes, qual é a mais adequada e qual é a mais inadequada e reescrever uma paráfrase-síntese que o represente.

c) Cada grupo fará a leitura de três paráfrases: da que foi julgada mais inadequada, sem identificar os produtores, da que foi julgada mais adequada e irá justificar o motivo das escolhas. Depois, um componente do grupo irá ler a paráfrase-síntese.

d) A classe deverá escolher a paráfrase do texto que considerar mais adequada e ela será registrada.

Feito isso, os alunos serão incumbidos da tarefa de se prepararem para o segundo movimento de leitura: a busca de termos, palavras, nomes que não são comuns ou que não são entendidos. A classe deverá montar um glossário para o texto.

II - Movimentos de leitura: pesquisar e apresentar – glossário.

Glossário é dicionário de palavras de sentido obscuro ou pouco conhecido; elucidário; um pequeno léxico, vocabulário, agregado a uma obra, principalmente para esclarecer termos pouco usados e expressões regionais ou dialetais nela contidos; de glosa, nota explicativa, comentário.

Cada grupo deverá construir um glossário e apresentá-lo à sala em, no máximo, 10 minutos. A apresentação deve ser feita utilizando alguma ferramenta de apresentação como PowerPoint ou semelhante (<http://www.smartalk.com.br/7-ferramentas-gratuitas-para-criar-apresentacoes/>)

Na apresentação, serão avaliados os grupos de acordo com os seguintes critérios:

- a) Qualidade da apresentação quanto aos recursos técnicos;
- b) Clareza na apresentação;
- c) Quantidade e qualidade dos termos pesquisados;
- d) Entrosamento entre os componentes do grupo.

15 de novembro – Lima Barreto

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República. Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que moro, num subúrbio distante. Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática; e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram. Entretanto, li com tristeza a notícia da morte da princesa Isabel. Embora eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais, não posso deixar de confessar que simpatizo com essa eminente senhora.

Veio, entretanto, vontade de lembrar-me o estado atual do Brasil, depois de trinta e dois anos de República. Isso me acudiu porque topei com as palavras de compaixão do Senhor Ciro de Azevedo pelo estado de miséria em que se acha o grosso da população do antigo Império Austríaco. Eu me comovi com a exposição do doutor Ciro, mas me lembrei ao mesmo tempo do aspecto da Favela, do Salgueiro e outras passagens pitorescas desta cidade.

Em seguida, lembrei-me de que o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para reconstrução da avenida Beira-Mar, recentemente esborrachada pelo mar.

Vi em tudo isso a República; e não sei por quê, mas vi.

Não será, pensei de mim para mim, que a República é o regime da fachada, da ostentação, do falso brilho e luxo de *parvenu*, tendo como *repoussoir* a miséria geral? Não posso provar e não seria capaz de fazê-lo.

Saí pelas ruas do meu subúrbio longínquo a ler as folhas diárias. Lia-as, conforme o gosto antigo e roceiro, numa "venda" de que minha família é freguesa.

Quase todas elas estavam cheias de artigos e tópicos, tratando das candidaturas presidenciais. Afora o capítulo descomposturas, o mais importante era o de falsidade.

Não se discutia uma questão econômica ou política; mas um título do Código Penal.

Pois é possível que, para a escolha do chefe de uma nação, o mais importante objeto de discussão seja esse?

Voltei melancolicamente para almoçar, em casa, pensando, cá com os meus botões, como devia qualificar perfeitamente a República.

Entretanto - eu o sei bem - o 15 de Novembro é uma data gloriosa, nos fastos da nossa história, marcando um grande passo na evolução política do país.

Marginália, 26-11-1921

1) No primeiro parágrafo do texto há duas lacunas que podem ser preenchidas pelo leitor.

[_____] Escrevo esta [_____] no dia seguinte ao [_____] do aniversário da proclamação da República [_____].
[_____] [_____] Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que [_____] moro, [_____] num subúrbio distante. [_____] Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática; e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas [_____] que se realizaram. Entretanto, [_____] li com tristeza a notícia da morte da princesa Isabel. Embora eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais [_____] , [_____] não posso deixar de confessar que [_____] simpatizo com essa eminente senhora.

Como se percebe, o texto tem uma série de informações que são repetidas. Algumas delas podem ser omitidas uma vez que os leitores podem facilmente inferi-las. Essas lacunas que conseguimos preencher e que são importantes que sejam preenchidas corretamente para a manutenção do objeto do discurso são as elipses. A elipse é um mecanismo de coesão, um elemento que retoma outro elemento do texto para garantir a unidade de sentido do material linguístico.

2) Leia agora o texto e responda às questões:

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República. Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que moro, num subúrbio distante. Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática; e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram. Entretanto, li com tristeza a notícia da morte da princesa Isabel. Embora eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais, não posso deixar de confessar que simpatizo com essa eminente senhora.

a) No fragmento, “Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que moro”, o pronome oblíquo átono “me” substitui qual elemento referido, implícita ou explicitamente, no texto?

b) No fragmento “nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram”, a expressão “festas comemorativas” recuperam qual outra expressão já referida no texto?

c) No fragmento “nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram”, o pronome “que” recupera qual outra expressão já referida no texto?

d) No mesmo fragmento, qual outra expressão poderia substituir o pronome “que” no texto?

e) O termo “princesa Isabel” é recuperado por meio de dois termos no período que o sucede. Quais são esses dois termos e qual a diferença de sentido entre ambos?

3) Pesquise o significado dos termos: “não”, “nem” e “sequer”:

4) Reescreva o texto utilizando sinônimos para as expressões grifadas:

Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática; e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram.

5) Escreva um período em que você julgue o fragmento original a partir do fragmento reescrito.

6) Leia o fragmento:

Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República. Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que moro, num subúrbio distante. Não ouvi nem sequer as salvas da pragmática; e, hoje, nem sequer li a notícia das festas comemorativas que se realizaram. Entretanto, li com tristeza a notícia da morte da princesa Isabel. Embora eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais, não posso deixar de confessar que simpatizo com essa eminente senhora.

a) Qual é a função dos termos grifados no trecho?

b) No fragmento “Entretanto, li com tristeza...”, qual é a função do termo “entretanto”?

c) Escreva um período em que você use os termos “e”, “nem” e “entretanto” ou termos sinônimos. Use como assunto coisas que você faz e/ou coisas que deixa de fazer durante o dia.

7) Articule as informações a seguir usando as conjunções “e”, “ou”, “entretanto” (ou sinônimos) e “e nem” de acordo com a relação que se pede:

a) Maria foi à escola. / Maria foi ao supermercado. / Maria foi ao cinema. / Maria não foi à igreja. [adição e adversidade]

b) Maria não foi convidada para a entrevista. / Maria não foi convidada para a apresentação. / Maria não foi chamada para a reunião. [adição]

c) Pedro vai ao trabalho de carro. Pedro vai ao trabalho de metrô. Pedro vai ao trabalho de trem. Pedro vai ao trabalho de ônibus. [alternativa].

d) Joaquim come arroz. Joaquim não come macarrão. João não come carne.

8) Pesquise no dicionário ou numa gramática o valor da conjunção “e”

9) Releia o texto e encontre todos os articuladores que dão ideia de adição, de alternativa e de adversidade e copie os fragmentos em que aparecem:

10) Articule as informações a seguir usando as conjunções adequadas para a relação de sentido que se pede:

a) A taxa de juros está alta. A demanda por crédito está excessiva. [explicação]

b) A taxa de juros está alta. A demanda por crédito está excessiva. [conclusão]

c) As cidades brasileiras estão congestionadas. Falta transporte público eficiente nas cidades brasileiras. [explicação]

d) As cidades brasileiras estão congestionadas. Falta transporte público eficiente nas cidades brasileiras. [conclusão]

e) As ruas continuam esburacadas. Os reparos feitos nas ruas foram precários. [explicação]

f) As ruas continuam esburacadas. Os reparos feitos nas ruas foram precários. [conclusão]

g) Muito lixo é descartado nas ruas. Os bueiros ficam entupidos. [explicação]

h) Muito lixo é descartado nas ruas. Os bueiros ficam entupidos. [conclusão]

i) Os subúrbios são, muitas vezes, esquecidos. As pessoas que moram nos subúrbios têm pouco acesso a direitos básicos. [explicação]

j) Os subúrbios são, muitas vezes, esquecidos. As pessoas que moram nos subúrbios têm pouco acesso a direitos básicos. [conclusão]

k) O metrô é o meio de transporte mais rápido. O metrô não enfrenta os obstáculos que enfrentam os ônibus. [explicação]

l) O metrô é o meio de transporte mais rápido. O metrô não enfrenta os obstáculos que enfrentam os ônibus. [conclusão]

Conjunções coordenativas:

Tipos	Conjunções
Aditivas - expressam soma.	e, nem...
Adversativas - expressam oposição.	contudo, entretanto, mas, não obstante, no entanto, porém, todavia...
Alternativas -expressam alternância.	já..., já..., ou, ou..., ou..., ora..., ora..., quer..., quer...
Conclusivas - expressam conclusão.	assim, então, logo, pois (depois do verbo), por conseguinte, por isso, portanto...
Explicativas - expressam explicação.	pois (antes do verbo), porquanto, porque, que...

11) Estudo das conjunções subordinativas: Apresentação em grupo:

a) No fragmento “**Embora** eu não a julgue com o entusiasmo de panegírico dos jornais, não posso deixar de confessar que simpatizo com essa eminente senhora”:

a.1) pesquise e apresente para a classe o sentido da conjunção embora.

a.2) pesquise e apresente para a classe sinônimos dessa conjunção.

a.3) pesquise e apresente cinco outros exemplos utilizando a conjunção ou termos sinônimos.

b) No fragmento “Isso me acudiu porque topei com as palavras de compaixão do Senhor Ciro de Azevedo pelo estado de miséria em que se acha o grosso da população do antigo Império Austríaco”:

b.1) pesquise e apresente para a classe o sentido da conjunção “porque”.

b.2) pesquise e apresente para a classe outros termos que tenham a mesma função no texto.

b.3) pesquise e apresente para a sala cinco outros exemplos utilizando a mesma expressão ou locuções com valor equivalente em textos diversos.

c) No fragmento “lembrei-me de que o eminente senhor prefeito quer cinco mil contos para reconstrução da avenida Beira-Mar”:

c.1) pesquise e apresente para a classe o sentido da conjunção “para”.

c.2) pesquise e apresente para a classe outros termos que tenham a mesma função no texto.

c.3) pesquise e apresente para a sala cinco outros exemplos utilizando a mesma expressão ou locuções com valor equivalente em textos diversos.

d) No fragmento “Lia-as, conforme o gosto antigo e roceiro, numa "venda" de que minha família é freguesa”:

d.1) pesquise e apresente para a classe o sentido da conjunção “conforme”.

d.2) pesquise e apresente para a classe outros termos que tenham a mesma função.

d.3) pesquise e apresente para a sala cinco outros exemplos utilizando a mesma expressão ou locuções com valor equivalente em textos diversos.

12) Estudo dos articuladores que dão ideia de tempo:

a) No fragmento “Escrevo esta no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República”:

a.1) pesquise e apresente para a classe o sentido da locução “no dia seguinte ao do aniversário da proclamação da República”.

a.2) pesquise e apresente para a classe outros termos que tenham a mesma função no texto.

a.3) pesquise e apresente para a sala cinco outros exemplos utilizando a mesma expressão ou locuções com valor equivalente em textos diversos. Procure, aqui, mostrar o uso em textos comerciais.

Conjunções subordinativas:

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS	
Tipos	Conjunções
Causais: expressam uma oração subordinada que denota causa.	Porque, pois, porquanto, como (no sentido de porque), pois que, por isso que, á que, uma vez que, visto que, visto como, que
Concessivas: indicam uma oração em que se admite um fato contrário à ação principal, mas incapaz de impedi-la.	Embora, conquanto, ainda que, mesmo que, posto que, bem que, se bem que, apesar de que, nem que, que.
Condicionais: Iniciam uma oração subordinada em que é indicada uma hipótese ou uma condição necessária para que seja realizado ou não o fato principal.	Se, caso, quando, conquanto que, salvo se, sem que, dado que, desde que, a menos que, a não ser que.
Conformativas: iniciam uma oração subordinada em que se exprime a conformidade de um pensamento com o da oração principal.	Conforme, como (no sentido de conforme), segundo, consoante.
Finalis: iniciam uma oração subordinada indicando a finalidade da oração principal.	Para que, a fim de que, porque (no sentido de que), que.
Proporcionais: iniciam uma oração subordinada em que mencionamos um fato realizado para realizar-se simultaneamente com o da oração principal.	À medida que, ao passo que, à proporção que, enquanto, quanto mais... (no sentido de mais), quanto mais... (no sentido de tanto mais), quanto mais... (no sentido de menos), quanto menos... (no sentido de menos), quanto menos... (no sentido de tanto menos), quanto menos (no sentido de mais), quanto menos (tanto mais).
Temporais: indicam uma oração subordinada indicadora de circunstância de tempo.	Quando, antes que, depois que, até que, logo que, sempre que, assim que, desde que, todas as vezes que, cada vez que, apenas, mal, que (desde que).
Comparativas: iniciam uma oração que encerra o segundo integrante de uma comparação, de um confronto.	Que, do que (usado depois de mais, menos, maior, menor, melhor, pior) Qual (usado depois de tal)
Consecutivas: iniciam uma oração na qual é indicada a consequência do que foi declarado na oração anterior.	Que (precedido de tão, tal, tanto), De modo que, De maneira que
Integrantes: utilizadas para introduzir a oração que atua como sujeito, objeto direto, objeto indireto, predicativo, complemento nominal ou aposto de outra oração.	que e se.

13) Crie períodos seguindo as instruções

- a) O texto deve: ter três orações; iniciar com a oração “O Brasil tem muitos recursos”; ter sequência com uma conjunção concessiva; ter sequência com uma conjunção conclusiva.
- b) Assunto: poluição. Escreva um período de duas orações iniciado com uma condicional; continue com outro período de duas orações iniciando-o com uma conjunção temporal.
- c) Assunto: eleições. Um período com duas orações articuladas por uma conjunção ou locução conjuntiva proporcional; outro período sucedido por duas orações articuladas por uma conjunção final.
- d) Assunto Internet e informação: iniciado com um período de duas orações articuladas por uma ideia de consequência; continue com um período de duas orações articuladas por uma ideia de condição.
- e) O texto deve iniciar-se com a seguinte oração: “Os combustíveis fósseis poluem o ambiente”; ter continuidade com outra oração articulada por uma conjunção causal; ter continuidade com outro período iniciado com uma conjunção final.
- f) Assunto: Tecnologia. Inicie o texto com um período composto por quatro orações sendo que as duas primeiras sejam articuladas por uma conjunção de conformidade e as outras duas por conjunção de proporção.
- g) Sujeito: o leitor. Ações: I - dirigir embriagado. II - colocar-se e colocar outras pessoas em risco. III – perder o direito de dirigir. As ações I e II devem ser conectadas por uma conjunção temporal; as ações II e III devem ser conectadas por uma conjunção conclusiva.
- h) Assunto: estudar e trabalhar. Escreva dois períodos, cada um com duas orações, articulando o primeiro pela conjunção “como” com valor de causa e o segundo pela conjunção “como” com valor de comparação.
- i) Assunto: Democracia. Escreva dois períodos, cada um com duas orações, articulando o primeiro pela locução conjuntiva “desde que” com valor de tempo e o segundo pela conjunção “desde que” com valor de causa.
- j) Assunto: Redes Sociais e *fake news*. Escreva dois períodos com duas orações cada. O primeiro deverá iniciar-se com uma conjunção temporal; o segundo, com uma conjunção causal.

14)O teste da relação entre velocidade e consumo (Péricles Malheiros, Revista Quatro Rodas)

Este é um teste tão diferente quanto os quatro carros convocados para protagonizá-lo: Fox 1.0 três-cilindros (82 cv), Grand Siena 1.6 (117 cv), Fusion 2.0 turbo (240 cv) e Azera 3.0 V6 (250 cv).

A ideia da reunião: descobrir o quanto o aumento da velocidade de cruzeiro influencia na elevação do consumo e, conseqüentemente, dos gastos com combustível.

Numa viagem simulada de 200 km, o teste analisou o consumo médio em três velocidades constantes (80, 100 e 120 km/h). A partir dos resultados criamos tabelas cujos indicativos podem fazer com que você repita o teste com seu carro e reveja o ritmo de suas próximas viagens.

Antes de iniciar o teste, abastecemos os carros no mesmo posto: etanol para os flexíveis Fox e Grand Siena e gasolina para Azera e Fusion. Em seguida, os pneus foram calibrados com a pressão recomendada pela fábrica.

As medições foram realizadas no mesmo padrão dos testes da QUATRO RODAS: ar-condicionado e demais equipamentos desligados, vidros fechados e apenas o piloto a bordo.

Os números apresentados abaixo refletem a média de duas passagens em cada velocidade. Para percorrer os 200 km, claro, o tempo gasto é o mesmo independentemente do carro: 2h30 minutos a 80 km/h; 2 horas a 100 km/h; e 1h40 minutos a 120 km/h.

Para as tabelas mais abaixo, consideramos o preço médio da gasolina (R\$ 3,40) e do etanol (R\$ 2,25) na cidade de São Paulo durante o mês de agosto de 2016.

A maior diferença no bolso foi a encontrada no Fusion 2.0. A 80 km/h, foram consumidos 8,26 litros de gasolina, o equivalente a R\$ 31,48. Se a velocidade for aumentada para 120 km/h, a conta sobe para R\$ 67,34. O gasto adicional de R\$ 35,84, porém, traz como vantagem uma redução de 50 minutos no tempo de uma viagem de 200 km.

Por outro lado, além da economia em reais, outra vantagem de aliviar a pressão sobre o acelerador está no aumento da autonomia.

Se a 120 km/h a distância até o seu destino for maior que a nossa viagem imaginária e exigir uma parada para encher o tanque (algo que raramente consome menos que 15 minutos), talvez seja mais vantajoso reduzir a velocidade para 100 km/h (aumentando o tempo de viagem em 10 minutos a cada 100 km) e passar direto pelo posto.

Com 48 litros de capacidade, o tanque do Grand Siena, por exemplo, garante autonomia de 422 km a 120 km/h, mas sobe para 619 km a 100 km/h.

No caso do Fox 1.0, uma diferença de apenas 20 km/h na velocidade (de 100 km/h para 120 km/h) aumenta o consumo de combustível em nada menos que 50%.

1) Encontre no texto um período em que haja ideia de comparação, copie o trecho e grife o termo que introduz a ideia de comparação.

2) No fragmento dado, “Este é um teste tão diferente quanto os quatro carros convocados para protagonizá-lo”, qual termo o pronome oblíquo “lo”, grifado, recupera?

3) Articule os fragmentos a seguir em apenas um período utilizando a conjunção ou a locução que expresse a ideia solicitada entre colchetes para cada item:

I - Aumento da velocidade de cruzeiro.

II – Elevação de gastos com combustível. [ideia de proporção]

I – Simulação de uma viagem de 200km.

II – Análise do aumento do consumo médio em três velocidades constantes. [ideia de finalidade]

4) Reescreva o período dado em A substituindo a conjunção grifada por outra que não altere o sentido e fazendo as adaptações necessárias:

A) “Se a velocidade for aumentada para 120 km/h, a conta sobe para R\$ 67,34.”.

5) Encontre no texto um trecho em que haja uma ideia de adversidade, copie o fragmento e grife o termo responsável por introduzir essa ideia.

15) Leia o texto a seguir: Coesão textual, Pascoale Cipro Neto

Se a coesão é boa, a leitura flui; não é preciso voltar aos trechos anteriores para que se saiba do que se fala

Os vestibulares já estão aí. Quem lê atentamente o programa de português de vestibulares e concursos certamente encontra um item curto e grosso: "coesão textual".

A coesão se ocupa essencialmente da "costura" do texto, o que inclui, por exemplo, o emprego de termos que conectam as partes (uma palavra que retoma ou substitui outra, já citada, por exemplo). Quando a coesão é bem-feita, a leitura do texto flui, isto é, não é necessário voltar às passagens anteriores para que se saiba do que ou de quem se fala.

Um dos expedientes de coesão mais utilizados é o lexical. Como se sabe, o léxico é o "repertório de palavras existentes numa determinada língua" ("Houaiss"). Num texto sobre futebol, ocorre coesão lexical quando se emprega, por exemplo, "o atacante" no lugar de um jogador que exerça essa função. É óbvio que o emprego de "o atacante" só é possível se o nome do jogador em questão já tiver sido citado no texto.

Bem, na verdade, a julgar pelo que se anda lendo aqui e ali, o meu "é óbvio" não é tão óbvio assim. Veja este trecho, retirado de um site: "Duas pessoas morreram e uma ficou ferida após terem sido atropeladas na manhã deste sábado... (...) Segundo o Corpo de Bombeiros, as vítimas eram ajudantes de jardinagem. Eles trabalhavam no local quando o motorista do Toyota Hilux perdeu o controle da direção e invadiu o canteiro. (...) O motorista do carro, um bancário de 32 anos, foi preso em flagrante por homicídio doloso... (...) O homem se recusou a passar pelo teste do bafômetro, mas, segundo o tenente da PM, Luís Gomes, o motorista apresentava sinais de embriaguez, como... (...) Além disso, foram encontradas garrafas de bebidas alcoólicas no veículo. Na delegacia, ele admitiu que voltava de uma 'balada', onde ingeriu bebida alcoólica. O bancário foi levado ao Instituto Médico Legal para a realização de exame de dosagem alcoólica ou exame clínico".

Ufa! O caro leitor percebeu que, de acordo com o texto, existe apenas um Toyota Hilux na cidade em que ocorreu o acidente? Se não percebeu, volte ao texto, por favor ("...quando o motorista do Toyota Hilux..." -trata-se da primeira referência ao veículo no texto).

Notou também a verdadeira "salada" que se fez com o motorista do tal veículo? Vejamos (pela ordem) os termos empregados em relação a esse indivíduo: "o motorista do Toyota Hilux", "o homem", "o motorista", "ele", "o bancário". Num dos casos, ocorre um caso típico de mau emprego do expediente de coesão. Releia comigo esta passagem: "O homem se recusou a passar pelo teste do bafômetro, mas, segundo o tenente da PM, Luís Gomes, o motorista apresentava sinais de embriaguez, como olhos avermelhados e fala pastosa".

Notou? Num mesmo período (que começa em "o homem" e termina em "pastosa"), empregaram-se dois termos ("o homem" e "o motorista") em relação ao mesmo ser. Que faz aí a expressão "o motorista"? Nada de nada. Na verdade, em vez de iniciar o período com a inacreditável expressão "o homem", o redator deveria/poderia ter empregado aí (e só aí) a expressão "o motorista".

Quer ver como foi inútil o emprego de "o homem" e de "o motorista" no mesmo período? Vamos lá: "O motorista se recusou a passar pelo teste do bafômetro, mas, segundo o tenente da PM, Luís Gomes, apresentava sinais de embriaguez...".

O caro leitor quer se preparar para as já tradicionais questões que pedem que se reescrevam adequadamente trechos como o que vimos? São muitos os sites ultracarregados de textos ruins.

- 1) No primeiro parágrafo, no fragmento “Se a coesão é boa, a leitura flui; não é preciso voltar aos trechos anteriores para que se saiba do que se fala”, quais ideias o termos grifados introduzem, respectivamente, como mecanismo de coesão?

- 2) No fragmento: “Quando a coesão é bem-feita, a leitura do texto flui, isto é, não é necessário voltar às passagens anteriores para que se saiba do que ou de quem se fala”, copie integralmente expressão que recupera o verbo grifado.

- 3) Reescreva o fragmento dado substituindo o termo grifado por uma conjunção condicional e adaptando o resto do período ao uso dessa conjunção
“... a julgar pelo que se anda lendo aqui e ali, o meu "é óbvio" não é tão óbvio assim.

- 4) Pascoale critica o trecho “Segundo o Corpo de Bombeiros, as vítimas eram ajudantes de jardinagem. Eles trabalhavam no local quando o motorista do Toyota Hilux perdeu o controle da direção e invadiu o canteiro.” Reescreva o fragmento todo substituindo o modo de se referir ao veículo que corrija o problema de coesão apontado por Pascoale.

- 5) No fragmento “Segundo o Corpo de Bombeiros, as vítimas eram ajudantes de jardinagem”, qual ideia o termo grifado introduz?

- 6) Articule as duas ideias dadas a seguir, (A) e (B), por meio de um mecanismo de coesão que dê ideia de consequência.

(A)O exemplo dado pelo Professor Pascoale utiliza mecanismos de coesão inadequados.

(B) A leitura não flui no exemplo dado pelo Professor Pascoale.

7) Articule as duas ideias dadas a seguir, (A) e (B), por meio de um mecanismo de coesão que dê ideia de causa.

(A) O exemplo dado pelo Professor Pascoale utiliza mecanismos de coesão inadequados.

(B) A leitura não flui no exemplo dado pelo Professor Pascoale.

8) Articule as duas ideias dadas a seguir, (A) e (B), por meio de um mecanismo de coesão que dê ideia de proporção.

(A) Utilização adequada de mecanismos de coesão.

(B) Aumento da fluência de leitura de um texto.

9) Leia a manchete de jornal a seguir e reescreva-a eliminando as ambiguidades provocadas pelo uso inadequado de mecanismo(s) de coesão:

“Janot pede prisão de Joesley, diretor da JBS e ex-procurador”

10) Leia o cartum a seguir:



Explique o efeito de humor do cartum utilizando seus conhecimentos sobre mecanismos de coesão.

As Tipologias Textuais e a argumentação

Os tipos textuais constituem estratégias utilizadas para organizar o material linguístico e apresentam-se em estreita conexão com o gênero a que pertence o texto. É comum um único texto conter diferentes tipos que se articulam, já que essas categorias constituem um número bastante limitado.

A noção de tipo textual abrange, em geral, as categorias designadas narração, exposição, descrição, injunção e argumentação. Como dificilmente são encontrados tipos puros, um texto se define como de um tipo por uma questão de dominância, em função do tipo de interlocução que se pretende estabelecer e que se estabelece, e não em função do espaço ocupado por um tipo na constituição desse texto.

Em primeiro lugar, consideraremos o tipo narrativo, forma básica global muito presente em diversos gêneros cuja finalidade é contar histórias ou fatos. Sendo linguisticamente marcado pela contação de um fato, nessa estrutura o autor encadeia uma sequência de acontecimentos ou de eventos que ocorreram. Desse modo, a estrutura narrativa é caracterizada pela marcação temporal cronológica, além do destaque dado aos agentes das ações. Na narrativa, predominam as ações, enquanto que as descrições de situações e estados lhe são subordinadas. Essa tipologia textual é caracterizada pela predominância de verbos no pretérito do indicativo, uma vez que este tempo verbal remete à ideia de acontecimentos realizados, pontua ou faz menção a estes acontecimentos, desenvolvendo a sequência das ações em um tempo cronológico em andamento. Certamente, há narrativas literárias que se desenrolam no presente, mas essa estratégia gera um efeito de sentido que caracteriza o suspense a inserção do leitor nos fatos contados. De qualquer modo, via de regra, em textos não literários, as histórias são contadas por meio de verbos no passado.

O tipo expositivo cumpre a função de informar utilizando a explicação. Utiliza a razão e o entendimento com a finalidade de definir, esclarecer ou explicar um

determinado tema, assunto, situação ou acontecimento. Essa tipologia está associada à apresentação e asserção de conceitos. No texto expositivo, o autor preocupa-se em dar explicações e elaborar os pontos-chave da informação, a fim de que seu auditório entenda o porquê e o como.

O texto descritivo faz um apontamento das características de um indivíduo, de um animal, de um ambiente, de um objeto, de uma situação e mesmo de uma sensação. Essa tipologia textual é conhecida como aquela que mostra, que revela, que traduz um fenômeno. Podemos afirmar que o texto descritivo pode ser entendido como uma imagem, uma cena dentro da moldura e que ao autor do texto cabe mostrar essa cena. Na imagem, não há uma sequência de acontecimentos nem uma sequência única que os olhos devem seguir. Ao sujeito que faz a descrição é que cabe a organização dos elementos, do todo para as partes, modo dedutivo, ou das partes para o todo, modo indutivo. O tempo verbal apropriado para uma descrição é o presente do indicativo, mas nada impede que sejam feitas descrições no pretérito imperfeito ou mesmo perfeito quando elas se inserem nas narrativas. O que difere este tipo textual da narração é a menor incidência de verbos de ação decorrente da intencionalidade do produtor de apresentar o objeto descrito, quer dizer, o texto descritivo é marcado por um tempo estático, o que não significa a supressão total das ações. Havendo decurso de tempo, o texto tenderá a ser narrativo e não descritivo.

O texto injuntivo é aquele que faz uma recomendação, faz o apontamento de como realizar determinada tarefa ou ação, dá ordens ou sugestões. Embora se caracterize por verbos no imperativo ou por formas mais corteses no futuro do pretérito em estruturas interrogativas como “você gostaria de fazer tal coisa?” ou “você poderia fazer tal coisa?”, a caracterização desse tipo textual, em gêneros mais simples como manuais de instrução ou placas de trânsito, é mais clara fazer. Contudo, em gêneros mais complexos, predominantemente dissertativos, podem aparecer sequências injuntivas, já que na argumentação o locutor defende uma ideia com vistas à persuasão ou ao convencimento do interlocutor sobre um ponto

de vista e pode querer coroar o processo com sugestões, pedidos diretos ou até ordens dadas ao auditório para efetivar a adesão deste às ideias apresentadas.

É preciso considerar, na análise da injunção, também elementos contextuais, já que uma fala expositiva como “está calor hoje” pode ser entendida como uma fala injuntiva se o falante quiser que o ouvinte interprete sua fala como “por favor, traga-me um copo com água” ou “ligue o ar condicionado”, por exemplo. A injunção trata-se, de qualquer modo, de um tipo textual que procura levar o leitor a determinada orientação transformadora. O texto injuntivo-instrucional, ainda que sob diferentes formas, tem o poder de transformar o comportamento do leitor, pois confere a ele um saber. O texto injuntivo, em contextos mais práticos, tem como objetivo controlar o comportamento do destinatário – são textos que incitam à ação, impõem regras ou fornecem instruções e indicações para a realização de um trabalho ou a utilização correta de instrumentos.

Os textos dissertativos, em que predomina a argumentação, por sua vez, preocupam-se em defender ideias ou opiniões. É importante ressaltar que o texto pode ou não trazer a primeira pessoa gramatical como marca. O texto dissertativo, quando dispensa essa marca gramatical, procura produzir um efeito de sentido que atribui às ideias apresentadas valor e caráter universais. O locutor quer que a opinião expressa deixe de ser pessoal para ganhar uma dimensão mais universal e com isso pretende conseguir a adesão do interlocutor apelando, geralmente, para o senso comum ou para o bom senso. O tempo verbal deve ser o presente do indicativo. A defesa de um ponto de vista e de uma argumentação embasada e justificada leva em consideração aspectos objetivos, mas nem sempre isso ocorre já que o sujeito que argumenta apresenta a realidade como ele a concebe. Caso tenha a intenção de produzir um efeito de sentido que confere maior grau de racionalidade ao texto, o locutor dispensa a expressão exaltada de valores emocionais e subjetivos, já que a pessoalidade pode enfraquecer o argumento.

Garcia (2002, p. 302), falando sobre um tipo de argumentação menos emotiva, resalta que “a argumentação deve basear-se nos sãos princípios da lógica”, desenvolvendo-se a partir de ideias, princípios ou fatos. Dessa maneira,

segundo a visão desse autor, em texto ou debate, o uso de xingamentos, do sarcasmo entre outras estratégias, por mais criativas possam vir a ser, jamais se constitui como um argumento, antes podem se revelar a falta dele.

Em textos essencialmente argumentativos, o tipo textual expositivo está presente na hora em que o produtor contextualiza e apresenta sua tese, bem como funciona como coadjuvante no desenvolvimento dos argumentos.

Vale lembrar que em um mesmo texto pode haver uma sequência de ações e uma caracterização dessa ação, ambiente, pessoa etc. A categorização do texto como narrativo ou descritivo vai ser dada de acordo com a predominância de uma tipologia, não de acordo com a exclusividade dela. A exclusividade de um tipo textual ocorre apenas em gêneros simples cujos objetivos enunciativos são muito específicos como placas de trânsito que podem ser simplesmente injuntivas "Pare" ou expositivas como "Obras na pista"¹. Em geral, os textos mais complexos de quaisquer gêneros são híbridos, pois podem trazer em sua composição aspectos narrativos ou descritivos ou dissertativos ou injuntivos.

Para compreender a organização textual em sua complexidade, é necessário evitar apenas rotular o material linguístico pela tipologia que ele apresenta em um primeiro momento. Devemos considerar que se pode, em um texto argumentativo, narrar uma breve história que servirá como argumento; pode-se, em um texto narrativo, contar uma história com a finalidade de mudar o comportamento de alguém, ou seja, com a intenção argumentativa e até injuntiva, por assim dizer, como no caso das fábulas. Classificar textos a partir da tipologia, simplesmente, pode ser improdutivo quando se pretende empreender uma análise profunda do sentido das construções linguísticas, mas a classificação tipológica, por outro lado, pode ser um relevante instrumento para se verificar a intencionalidade do enunciador e para se avaliar os efeitos de produção de sentido nas estruturas linguísticas.

¹ Isso levando-se em consideração que esses textos não estejam deslocados de seus contextos originais, pois uma placa de trânsito "Pare" fixada no quarto de um adolescente produz um efeito de sentido que vai além daquele dado pelo injuntivo. Pode estar querendo significar, entre outras coisas, um recado aos pais: "Este território me pertence".

Argumentar é defender uma ideia. Para isso, você deve ter uma ideia clara, formular uma tese e pensar em argumentos que a sustentem.

A lei (Lima Barreto) - Vida urbana, 7-1-1915

Este caso da parteira merece sérias reflexões que tendem a interrogar sobre a serventia da lei. Uma senhora, separada do marido, muito naturalmente quer conservar em sua companhia a filha; e muito naturalmente também não quer viver isolada e cede, por isto ou aquilo, a uma inclinação amorosa.

O caso se complica com uma gravidez e para que a lei, baseada em uma moral que já se findou, não lhe tire a filha, procura uma conhecida, sua amiga, a fim de provocar um aborto de forma a não se comprometer.

Vê-se bem que na intromissão da "curiosa" não houve nenhuma espécie de interesse subalterno, não foi questão de dinheiro. O que houve foi simplesmente camaradagem, amizade, vontade de servir a uma amiga, de livrá-la de uma terrível situação.

Aos olhos de todos, é um ato digno, porque, mais do que o amor, a amizade se impõe. Acontece que a sua intervenção foi desastrosa e lá vem a lei, os regulamentos, a polícia, os inquéritos, os peritos, a faculdade e berram: você é uma criminosa! Você quis impedir que nascesse mais um homem para aborrecer-se com a vida!

Berram e levam a pobre mulher para os autos, para a justiça, para a chicana, para os depoimentos, para essa via-sacra da justiça, que talvez o próprio Cristo não percorresse com resignação.

A parteira, mulher humilde, temerosa das leis, que não conhecia, amedrontada com a prisão, onde nunca esperava parar, mata-se.

Refletamos, agora; não é estúpida a lei que, para proteger uma vida provável, sacrifica duas? Sim, duas porque a outra procurou a morte para que a lei não lhe tirasse a filha. De que vale a lei?

a) Que ideia o sujeito defende?

b) Sintetize o argumento que o sujeito constrói.

c) O texto é argumentativo, mas na construção do argumento o sujeito utiliza um outro tipo textual. Qual é e quais as características que permitem que você identifique esse tipo textual?

Internet ajudou a derrubar o mito da tolerância brasileira

BOB VIEIRA DA COSTA (Folha de São Paulo, 3/8/2016)

A internet vem ajudando a derrubar o mito de que nós brasileiros somos tolerantes às diferenças. Histórias que desnudam a intolerância entre nós surgem a cada dia. Para cada caso com pessoas conhecidas noticiado na mídia, há outros milhares nas redes sociais.

Cabelo ruim, gordo, vagabundo, retardado mental, boiola, malcomida, golpista, velho, nega. Expressões como essas predominam nas nuvens de palavras encontradas em posts que revelam todo tipo de intransigência ao outro, em vários aspectos: aparência, classe social, deficiência, homofobia, misoginia, política, idade, raça, religião e xenofobia.

Segundo dados da ONG Safernet, denúncias contra páginas que divulgaram conteúdos do tipo cresceram mais de 200% no país. Num primeiro momento, parece que a internet criou uma onda de intolerância.

O fato, porém, é que as redes sociais apenas amplificaram discursos existentes no nosso dia a dia. No fundo, as pessoas são as mesmas, nas ruas e nas redes.

Vejamos: o Brasil lidera as estatísticas de mortes na comunidade LGBT (dado da Associação Internacional de Gays e Lésbicas); mata muito mais negros do que brancos (Mapa da Violência); aparece em quinto lugar em homicídios de mulheres (Mapa da Violência); registrou aumento de 633% nos casos de xenofobia (Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos); e 6,2% dos seus empregadores confessam não contratar pessoas obesas (site de recrutamento).

A intolerância nas redes é resultado direto de desigualdades e preconceitos sociais em geral, não é uma invenção da internet. O ambiente em rede facilita que cada um solte seus demônios, ao dar a sensação de um pretense anonimato. O mundo virtual é, portanto, mais uma forma de os intolerantes se manifestarem e ampliarem seu alcance.

Para se ter ideia, nossa agência, por meio da iniciativa Comunica que Muda, resolveu medir a intolerância na internet durante três meses, utilizando a plataforma Torabit.

De abril a junho, foram analisadas nada menos que 393.284 menções aos tipos de intolerância citados no início do texto. O percentual de abordagens negativas dos temas ficou acima de 84%. No caso do racismo, chegou a 97,6%.

O maior número de menções (220 mil) foi para a política, seguido da misoginia (50 mil), mas há que se ressaltar que o tema reflete a crise atual. Entre os Estados, o Rio de Janeiro registrou o maior número de citações (58.284), apesar de, proporcionalmente à população, o Distrito Federal ser o mais intolerante.

Bem melhor seria se, na verdade, passássemos a adotar a aceitação como o contrário de intolerância. Porque a própria palavra tolerância lembra indulgência e condescendência, e não é isso que se quer.

Suportar o outro é só o começo de uma evolução. Tolerar é manter uma relação positiva com pessoas completamente diferentes. É um processo de mão dupla, aceitar para ser aceito.

Não é um caminho fácil. O primeiro passo, sem dúvida, é tornar o debate de interesse público, fazer explícitas as ofensas cotidianas.

Já passou o tempo em que a internet era terra de ninguém. Não faltam canais para denúncias. O acesso a um meio amplo de comunicação, aliado a uma ideia distorcida de liberdade, fez com que os intolerantes encontrassem eco.

No entanto, como bem resume a frase, "liberdade de expressão não é licença para ser estúpido".

a) Que ideia o sujeito defende?

b) Quais são os argumentos utilizados?

c) De que natureza são os argumentos utilizados pelo autor?

Leia o texto a seguir, de Luís de Camões:

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,

Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.

Continuamente vemos novidades,
Diferentes em tudo da esperança;
Do mal ficam as mágoas na lembrança,
E do bem, se algum houve, as saudades.

O tempo cobre o chão de verde manto,
Que já coberto foi de neve fria,
E em mim converte em choro o doce canto.

E, afora este mudar-se cada dia,
Outra mudança faz de mor espanto:
Que não se muda já como soía.

[mor = maior; soía = passado de soer, costumar).

Transforme o poema em um texto argumentativo em prosa respondendo às questões de forma objetiva:

a) Tese (versos 1 a 4): O sujeito defende de ideia de que

b) Argumento 1 (versos 4 a 8): primeiro fato que confirma a tese

c) Argumentos 2 (versos 9 a 11): segundo fato que confirma a tese

d) Argumento 3 (versos 12 a 14): terceiro fato que confirma a tese

V – Comunicação empresarial

Aspectos gerais da correspondência comercial

Toda correspondência comercial exige clareza, correção gramatical por parte do produtor do texto para que o leitor possa compreender a mensagem rapidamente e sem equívocos para que, conseqüentemente, possa responder com mais rapidez e assertividade.

A sociedade globalizada e informatizada exige que não se perca tempo com informações desnecessárias, truncadas ou lacunares e, ao mesmo tempo, em função dos meios eletrônicos, que as mensagens sejam redigidas rapidamente.

Além disso, quando um funcionário se comunica em nome da empresa, coloca em jogo a reputação da empresa e não só apenas a própria reputação. Quando recebemos mensagens de instituições com textos mal elaborados, imediatamente associamos a qualidade dos produtos ou serviços dessas instituições à qualidade dos textos que os oferecem. Isso significa que o sucesso ou o fracasso delas dependem, em grande medida, do modo como se comunicam.

Neste texto, vamos pensar sobre os aspectos gerais das correspondências comerciais contemporâneas e tratar de alguns gêneros específicos dessas correspondências, tais como a carta comercial, o e-mail, o relatório e até as mensagens de aplicativos como *WhatsApp* ou divulgação de produtos e serviços em redes sociais como *Facebook*.

Não estamos tratando de textos publicitários que, eventualmente, podem ser elaborados de modo conotativo, incluir brincadeiras como estratégias para chamar atenção do leitor. Aqui tratamos especificamente de textos que envolvem comunicação formal entre empresas ou prestadores de serviços e fornecedores, parceiros ou clientes e vice-versa, pois como cliente, por exemplo, ainda que você esteja redigindo um texto para reclamar de um produto com problema ou de um serviço mal prestado, não deve fazer isso de modo rude ou por meio de uma escrita precária: da clareza e da objetividade das mensagens depende, em grande parte, a ação adequada do interlocutor.

Normas linguísticas

Para todos os casos, quando se trata de uma situação de comunicação comercial e/ou profissional, existem algumas normas gerais, a saber:

- Manter a objetividade, textos longos e sem objetivo claro e explícito desencorajam o leitor;

- Usar a norma culta da língua portuguesa ou da língua em que o texto for redigido, pois isso confere credibilidade à mensagem e, conseqüentemente, ao produto ou serviço que ele vende ou representa, bem como à demanda que ela exige;

- Não utilizar abreviações comumente usadas em mensagens informais, pois essa prática pode provocar ruído na comunicação além de o autor do texto correr o risco de ser interpretado como desleixado ou preguiçoso;

- Utilizar adequadamente os mecanismos e coesão textual que garantem a legibilidade e o encadeamento lógico das ideias, sempre topicalizando itens muito extensos para facilitar a atendimento às demandas;

- Seguir as regras de coerência textual, além daquelas relacionadas aos mecanismos de coesão, tais como: garantir a progressão textual; não apresentar contradições; e ater-se a aspectos reais.

Em certos setores da atividade profissional, ainda são usadas expressões pomposas, tais como “Ilustríssimos Senhor”, “Mui Digno”, entre outras. Esses procedimentos podem ser reduzidos a formas evocativas mais simples e tão corteses quanto que são: “Prezado Senhor”, “Caro Senhor”, “Prezado Cliente”, “Caro Cliente”, variando, obviamente, de acordo com o gênero. Isso gera formas polidas de vocativos mais sóbrias.

Também não se deve usar, indiscriminadamente, termos estrangeiros quando houver um termo correspondente em língua portuguesa. É claro que certas expressões técnicas ou nomes de produtos trazem o título ou o nome no idioma em que foram criados: ninguém pensaria, por exemplo, em chamar o sistema *Windows* de *Janelas* só para preservar o idioma, ou o editor eletrônico *Word* de *Palavra*, mas não é necessário pedir um *feedback* para o interlocutor quando podemos pedir um retorno, resposta ou opinião,

tampouco devemos pedir para *schedular* uma reunião quando nossa intenção é pedir para agendar uma. O uso indiscriminado de anglicismos torna o texto pedante, nem sempre compreensível e, muitas vezes, incorreto já que a palavra de que o escritor se vale para expressar suas ideias nem sempre corresponde, no idioma original, àquilo que ele pensa que significa.

Fórmulas exageradamente burocráticas não devem ser usadas, uma vez que ferem a regra de progressão dos textos ou mesmo sua aderência à realidade. Vejamos alguns exemplos:

- “Venho por meio desta solicitar/pedir/informar”, “Venho através desta solicitar/pedir/informar”, “Venho por intermédio desta solicitar/pedir/informar”: podem ser substituídos por “Solicito”, “Peço” ou “Informo” sem nenhum prejuízo para a informação, pois o sujeito que escreve não vai por meio da carta ou do correio eletrônico, quem vai é apenas a informação.

- “Coloco-me à disposição para maiores informações que se fizerem necessárias”: pode ser substituído por “Coloco-me à disposição para mais informações”. Isso porque as informações não são maiores ou menores, você disponibiliza menos ou mais informações sobre o objeto do discurso e, além disso, fere a regra da progressão dizer que se coloca à disposição para informações “que se fizerem necessárias”, pois isso é óbvio já que ninguém irá, em sã consciência, pedir informações desnecessárias.

- Escrever “conforme dito acima” e repetir a informação é desnecessário. Em situações de comunicação oral, falamos coisas que as pessoas podem esquecer e por isso, às vezes, temos de repetir para garantir a compreensão. Em textos escritos e, especialmente em textos curtos como são as correspondências comerciais, se o leitor esqueceu o que dissemos, basta que procure a informação nos parágrafos anteriores. Além disso, quando estamos cobrando, inquirindo ou dando uma instrução a alguém por escrito, por exemplo, é descortesia reforçar a cobrança, dá a impressão que o locutor considera o seu interlocutor incapaz de compreender a mensagem na primeira leitura.

- “Aproveitamos a oportunidade para comunicar/informar/solicitar...” podem ser substituídas por “Comunicamos”, “Informamos”, “Solicitamos” entre outros. Caso queira acrescentar a uma solicitação, pedido ou informação, inicie um novo parágrafo com “Solicitamos/Pedimos/Informamos, ainda, tal coisa..”.

Em nenhum caso, devemos usar em correspondências comerciais recursos como textos em caixa alta com a intenção de sublinhar a mensagem, pois isso significa que estamos gritando com o interlocutor e, ainda que o produtor do texto ache que tem o direito de fazer isso, trata-se de descortesia.

Também é necessário tomar muito cuidado com o que vamos destacar nas mensagens, tanto por meio de negrito, itálico ou sublinhado. Sendo necessário destacar alguma parte da mensagem, faça isso com parcimônia e opte por apenas um tipo de marcação. Uma palavra ou expressão negritada, em itálico e sublinhada ao mesmo tempo revela certa impaciência do produtor do texto e também é marca de descortesia para com o interlocutor.

Textos comerciais devem ser, tanto quanto possível, racionais, equilibrados. Por conta disso, evite o uso de pontuação emocional como a interrogação (?), a exclamação (!) e as reticências (...).

No caso da interrogação, substitua a pergunta por uma afirmação: ao invés de escrever “Por que o Senhor não pagou a prestação X?”, prefira, “Informamos que ainda não consta em nosso sistema o pagamento da prestação X?”; ao invés de “Quando os senhores virão executar a manutenção na máquina X?”, prefira “Favor informar a data e o horário em que os senhores virão executar a manutenção na máquina X.” Desse modo, o produtor do texto transmite a mesma informação de modo mais racional e objetivo.

No caso da exclamação, esse sinal de pontuação exprime surpresa, indignação, felicidade, raiva, enfim, sentimentos que não têm razão de serem expressos em correspondências comerciais em nenhuma circunstância se quisermos que a comunicação seja equilibrada.

No caso das reticências, elas significam supressão de pensamento, em geral, e deixam a cargo do interlocutor a função de preencher a informação que suprimem. Isso, por razões óbvias, não tem sentido em correspondências comerciais, apenas em textos literários, de propaganda ou informais.

Use sempre o ponto final (.), a vírgula (,), o ponto e vírgula (;) e os dois pontos (:) em textos comerciais. Eles garantem um tom sóbrio à mensagem e adequada à situações formais de comunicação como é o caso da correspondência comercial.

Além de atentar para a correção gramatical, hoje em dia os provedores de e-mail e editores eletrônicos fazem grande parte desse trabalho para você, você deve atentar para erros que esses revisores não conseguem detectar, tais como o uso da crase, o uso correto de pontuação (especialmente a vírgula e o ponto e vírgula), bem como o uso de certas expressões largamente utilizadas, mas que não estão de acordo com a norma culta da língua, como “documento em anexo”, por exemplo. Use sempre anexo como adjetivo e, nesse caso, use as expressões “segue o documento anexo”, “segue a carta anexa”, “seguem os documentos anexos”, “seguem as cartas anexas”.

O uso de gírias em correspondências comerciais é inadequado e o uso de gerundismo “vamos estar fazendo”, “vamos estar providenciando”, “o senhor poderá estar comprando”, entre outros, é condenável do ponto de vista da norma culta da língua. Jargões excessivamente técnicos devem ser usados com parcimônia e siglas devem ser sempre decodificadas quando aparecerem pela primeira vez. O que é óbvio para o produtor do texto nem sempre será para o leitor, ainda que ele esteja no mesmo ramo de atividade. Além disso, textos comerciais, ainda que destinados a alguém especificamente, podem ter necessidade de serem acessados por outras áreas das empresas ou até mesmo por instituições externas como escritórios de advocacia e juízes, por exemplo, se houver alguma demanda judicial em torno do assunto. E-mails e cartas comerciais têm servido como provas em processos judiciais que envolvem direito empresarial, direito do consumidor entre outros.

É muito comum as pessoas substituírem os vocativos, especialmente nos e-mails, por “Bom dia!”, “Boa tarde!”, “Olá, tudo bem?”, entre outras fórmulas que consideram corteses ou educadas. Caso você esteja usando o e-mail como um bilhete, um recado, ou como substituto de um telefonema, em comunicações internas com colegas de trabalho, esse tipo de procedimento não representa problema. Já em comunicação comercial com clientes, fornecedores, chefes, grupos de trabalho, ou seja, em situações formais, não use esse tipo de saudação. Você não sabe se o destinatário irá ler o seu e-mail antes do meio dia, depois das 18h ou mesmo à noite, o que torna anacrônicos os votos de “bom dia”, “boa tarde” e “boa noite”. Essas expressões são mais adequadas em comunicações orais e suprimi-las não significa falta de cortesia se forem substituídas por “Caro cliente”, “Prezada equipe”, “Caro Senhor”, “Prezada Senhora”, que são vocativos mais adequados a situações

formais e textos escritos. Cortesia autêntica é pedir por favor e agradecer sempre que sua demanda for atendida, escolher o vocabulário adequado e modalizar as informações.

Por fim, cartas comerciais ou e-mails são sempre breves e os parágrafos devem ser curtos, bem como os itens tratados devem ser, sempre que possível, topicalizados. Caso queira enviar grandes textos, é bom encaminhá-los como anexos e utilizar o corpo da correspondência para informar ao destinatário de que se trata o documento, para que ele está sendo enviado e qual a providência ou quais as providências que ele deve tomar em relação ao material.

A carta comercial: estrutura

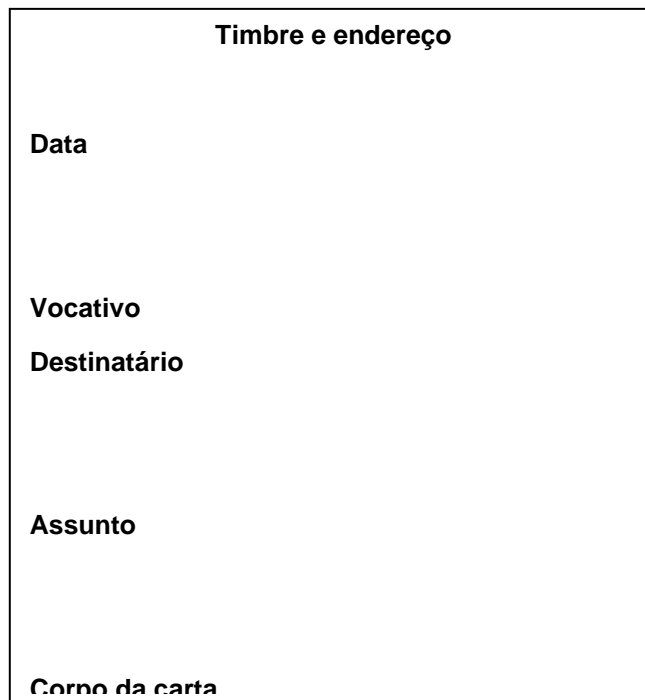


Figura 1: Esquema de carta comercial

A carta comercial, ainda que rara ultimamente, continua sendo necessária em algumas situações. A estrutura, esquematizada na figura anterior, compõe-se dos seguintes elementos:

- **Timbre e endereço** – são elementos importantes para caracterizar a natureza e reforçar a imagem da empresa. Um documento timbrado sempre transmite mais credibilidade e profissionalismo. Ainda que sua empresa seja de pequeno porte, providencie um timbre para ela.
- **Data** – é um elemento essencial para garantir a referência do leitor, se no papel de impressão já houver o endereço, pode-se dispensar o local e anotar apenas a data, mas se a empresa tiver várias filiais é importante destacar-se o local.

- **Destinatário** - é a quem se destina a comunicação. Hoje, já não se coloca mais “À/Às/Para/Ilmos. Senhores antes do nome do destinatário. Coloca-se apenas o nome da empresa ou da pessoa a quem a carta se destina.
- **Vocativo** – há várias formas possíveis (Prezados Senhores, Senhores, Senhores Clientes, Caro Cliente). Após o vocativo pode-se usar vírgula ou dois pontos. Na figura 1, perceba que a ordem está invertida. Isso porque é possível economizar tempo e espaço juntando o vocativo e o destinatário. Ao invés de escrever:

Senhor José da Silva	Destinatário
Diretor de Produção	
 Assunto: Pedido de peça de reposição nº 200-34	
Prezado Senhor,	Vocativo

Pode-se escrever:

Prezado Senhor José da Silva	Vocativo e destinatário agrupados
Diretor de Produção,	
 Assunto: Pedido de peça de reposição nº 200-34	
 Corpo da carta.	

- **Assunto** – linha em que se sintetiza o objeto da carta. Este campo não pode ser genérico. Se você escrever “Pedido”, “Compra”, “Cobrança”, o leitor só saberá de que se trata depois de ler a carta toda. Em grandes empresas, muitas vezes os assessores dos executivos recebem as cartas e, apenas pelo assunto, encaminham para os setores responsáveis pela resolução do problema. Caso seja a respeito de um pedido, especifique o número; caso seja a respeito de uma compra, especifique o produto e a nota fiscal; caso seja a respeito de uma cobrança, especifique dados relativos à compra ou à prestação não paga e assim por diante. Aqui não se deve confundir assunto com Referência. A referência trata-se de um número ou código sequencial que as grandes empresas criam para identificar o documento rapidamente e, geralmente, ocupa o canto superior direito do documento.
- **Corpo da carta** – é o espaço em que se apresenta o propósito da carta, ele deve ser exposto de forma clara, objetiva, precisa e com parágrafos curtos. Normalmente, são escritos três parágrafos: o da apresentação do tema, o do desenvolvimento do tema em que se devem colocar os problemas e as soluções e o da conclusão. Esses parágrafos não devem ultrapassar três ou quatro linhas.
- **Despedida ou fecho** – deve ser simples (Atenciosamente, Cordialmente – essas duas expressões sempre devem ser seguidas por vírgula). Caso tenha recebido algo, agradeça antes do fecho ou mesmo substitua o fecho pelo agradecimento.
- **Assinatura** – escreve-se acima do nome completo do emissor e logo abaixo o seu cargo ou função na empresa. Se a empresa oferecer um logo com seu nome e cargo nas cores da corporação e com o logotipo dela, utilize-o.

Preocupe-se também com a estética. Todas as informações devem ser alinhadas à esquerda e o texto uniformemente distribuído no papel. Use também o botão “justificar” do editor eletrônico para distribuir o texto uniformemente entre as margens direita e esquerda. Isso serve para a carta comercial, mas também serve para a redação de mensagens eletrônicas.

A seguir, veja um exemplo de carta comercial:

Banco do Rio de Janeiro S/A

Praça XV de Novembro, 20, Centro – Rio de Janeiro, CEP 20010-010

27 de julho de 2017.

Prezado Sr. Paulo da Silva

Cotista do BRJ Renda Fixa 200 – FI,

Assunto: Assembleia Geral Ordinária do Fundo BRJ Renda Fixa 200 – FI

Convidamos V. Sa. a comparecer à Assembleia em referência, a ser realizada no dia 25 de agosto de 2017, às 9h30, na sede da *BRJ Administração de Ativos – DTVM S/A*, situada na Praça XV de Novembro, nº 20, 2º andar, Centro, Rio de Janeiro, a fim de deliberar sobre a aprovação das demonstrações financeiras do exercício findo em 30/06/2017.

As demonstrações financeiras e o parecer do auditor independente encontram-se disponíveis no endereço eletrônico www.brj.com.br e nas agências do *Banco do Rio de Janeiro*.

Atenciosamente,

Carlos Augusto Macedo

Administração de ativos

do Banco do Brasil.

O exemplo anterior de carta comercial apresenta o modelo denteado, ou seja, há um recuo no início de cada parágrafo. Eventualmente, você poderá usar o padrão blocado, que consiste em dispor o texto sem recuos no início de cada parágrafo.

Exercício:

Redija uma carta comercial no editor eletrônico *Word* ou equivalente, informando a um cliente sobre um produto ou um serviço que sua empresa presta. Crie um logotipo para a empresa e siga as orientações dadas para a construção de cartas comerciais com referência à linguagem, à estética e aos componentes do documento.

O Correio eletrônico: e-mail

Ainda que seja um instrumento indispensável para o mundo empresarial, o uso do e-mail nas correspondências comerciais pode constituir um dos grandes problemas nas corporações por conta do mau uso desse recurso como qualquer recurso mau utilizado causa problema.

As vantagens dessa ferramenta estão ligadas à agilidade, ao baixo custo, à facilidade de arquivar as informações, à economia de recursos naturais entre outras que o correio eletrônico oferece.

Para que essas vantagens não sejam anuladas por problemas relacionados ao uso inadequado, é necessário levar em conta algumas recomendações que as pessoas que lidam com o e-mail profissionalmente, grande parte das pessoas, nem sempre seguem.

Em primeiro lugar, é necessário considerar o e-mail comercial, quando utilizado para estabelecer contato com clientes, fornecedores e parceiros é um substituto da carta comercial e deve ser redigido com o mesmo cuidado dispensado a ela que tratamos nos tópicos anteriores.

Mesmo quando utilizado como um bilhete, que muitas vezes substitui os contatos telefônicos entre os funcionários de uma mesma empresa, não deve ser redigido de modo descuidado. Lembre-se de que o registro escrito, diferente da fala, requer uma linguagem mais refletida. Além disso, todo e-mail utilizado no ambiente profissional está sujeito à fiscalização da empresa que provê a conta e, portanto, deve ser utilizado apenas para assuntos profissionais tratados de maneira sóbria. Qualquer assunto pessoal deve ser tratado pelo funcionário por meio de sua conta pessoal e em horários fora do expediente de trabalho.

Mensagens não profissionais poluem as caixas de entrada dos colegas e dificultam a localização de outras mensagens, além de ocupar espaço nos servidores. Além disso, quem manda muitas mensagens não profissionais durante o expediente constrói a imagem de alguém que não é sério, que é ocioso, e num eventual corte de pessoal tem mais chance de ser atingido.

O uso de *smiles* ou *emoticons* em e-mails profissionais é prática desnecessária e não combina com a formalidade do gênero. O mesmo se pode dizer quanto ao uso de gírias ou abreviações, que devem ser deixadas para comunicações informais e pessoais.

A formalidade e a sobriedade do gênero não permitem que se use expressões como “Querido”, que se mande “beijos” ou “abraços”. Essa prática não caracteriza cortesia, mas excesso de intimidade, o que não combina com as relações profissionais. Use o adjetivo “caro” ou “prezado”; use “por favor” para solicitações; use “obrigado” quando tiver sido atendido; use “atenciosamente” ou “cordialmente”, sempre seguidos de vírgula, no fechamento; não use caixa alta; não use palavras rudes; não use ironia: em um texto profissional, você deve procurar escrever exatamente aquilo que quer dizer e não o contrário. Estas práticas são, efetivamente, cortesias.

Um efeito colateral negativo da agilidade do e-mail pode ser a prática de responder mensagens movido por emoção. Sempre que receber uma mensagem que o desagrade, pense duas vezes antes de responder e pressionar o botão enviar. Sob forte emoção, muitas vezes escrevemos aquilo que não escreveríamos se tivéssemos um tempo para refletir. Mesmo que a resposta tenha de ser dada com urgência, quando receber um e-mail que o desagrade, leia e releia a resposta antes de enviá-la e, se possível, submeta-a à leitura de um colega que não esteja emocionalmente envolvido na situação, o que pode evitar muitos conflitos.

Não envie mensagens comprometedoras, ainda que você esteja se comunicando com um grande amigo que trabalha na mesma empresa ou com um cliente ou fornecedor de longa data. Proposital ou acidentalmente suas mensagens podem ser repassadas e isso trará muitos problemas para você no ambiente corporativo.

E-mails sem o campo assunto preenchido ou com o assunto apresentado de forma muito genérica podem ser confundidos com vírus e, muitas vezes, nem serão abertos pelos colegas. O mesmo cuidado que se tem com o campo assunto em uma carta comercial deve ser destinado ao campo assunto do e-mail.

Evite tratar de vários assuntos em um mesmo e-mail. Fica mais fácil documentar cada processo se as coisas forem feitas em conversas exclusivas. Esta prática torna o texto de cada mensagem mais curto e objetivo. Além disso, quem recebe pode gerenciar melhor as demandas e, se for o caso, redistribuí-las mais facilmente.

Assim como as cartas comerciais, os e-mails profissionais devem ser curtos, compostos por parágrafos pequenos, escritos com objetividade e com a gramática e a ortografia impecáveis. Textos longos devem ser transformados em relatórios ou pareceres e enviados como anexos.

Se o e-mail for o primeiro no estabelecimento de um contato, deve-se deixar bem claro quais são os seus objetivos, se o e-mail for uma resposta, devemos agradecer à resposta enviada, assim conquistamos o leitor e ele, provavelmente, nos responderá sempre com rapidez.

Por fim, só use a opção “responder a todos” caso seja uma informação relativa a um trabalho que esteja sendo realizado por uma equipe. Em outros casos, responda sempre apenas àquele que enviou o e-mail. Muitas vezes, um gestor manda um e-mail convocando uma grande equipe para uma reunião, por exemplo. Se todos responderem a todos se vão ou não comparecer, isso gerará um fluxo enorme de correspondência desnecessária. Só a quem convocou a reunião, em princípio, interessa saber se o convocado irá ou não comparecer.

Veja a seguir a análise de um e-mail extraído de uma situação de comunicação empresarial que apresenta várias inadequações:

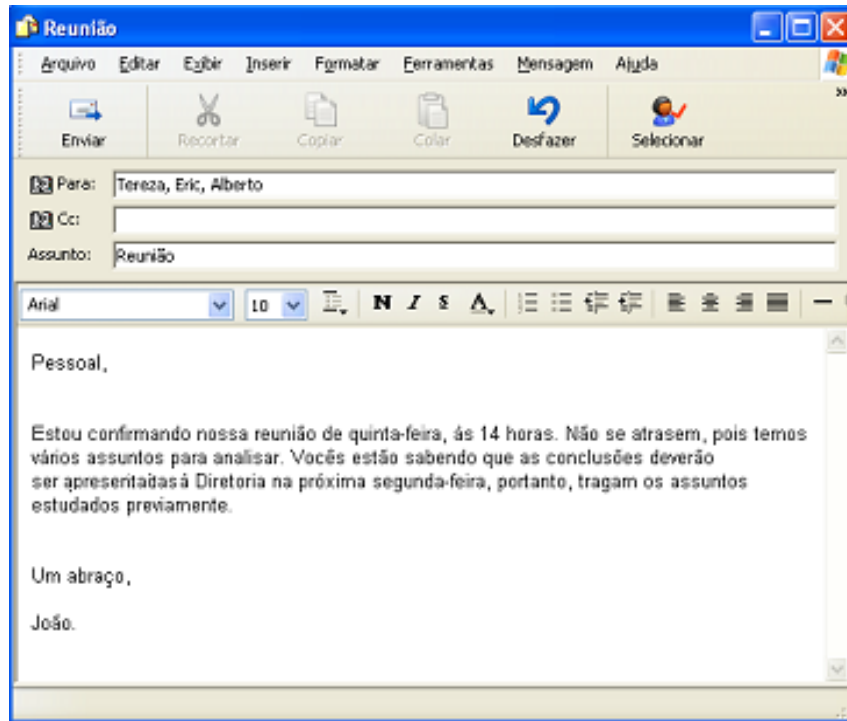


Figura 2 – E-mail comercial inadequado.

- O assunto do e-mail está muito genérico. Em uma corporação, há várias reuniões e é necessário especificar se é uma reunião ordinária, extraordinária e sintetizar na linha assunto o tema dela.
- O vocativo está muito informal. Alguém que seja responsável por uma equipe deve referir-se de modo mais adequado. Além disso, seria necessário especificar que equipe ou que área da empresa é essa: “Cara Equipe de Vendas,”; “Prezada Equipe de Contratos,”; “Caros Colegas do Departamento de Recursos Humanos,”; “Prezados Colegas do Departamento de Licitações”.
- Uso desnecessário do gerúndio. Nunca se deve usar duas palavras quando se pode usar uma. Prefira “Confirmo” a “Estou confirmando”.
- Documentos comerciais não devem deixar lacunas. O produtor do texto deve especificar em que dia do mês e do ano cairá essa quinta-feira.
- A norma culta da língua pede que se use crase antes de números indicativos de horas, “às 14 horas”. Crase é grafada com acento grave (`) e não com acento agudo (´), como está no texto.

- Deve-se indicar em que sala da empresa será realizada a reunião sempre que possível. Lembre-se: qualquer informação omitida será cobrada pelos leitores de modo que se você não a enviar no primeiro e-mail, terá o trabalho de responder a vários e-mails perguntando sobre aquilo que foi omitido.
- É descortês solicitar que as pessoas não se atrasem. Você está lidando com profissionais que devem ser responsáveis. Caso alguém falte ou se atrase sem justificativa, somente esta pessoa deve ser interpelada, pois é muito desagradável que todos os membros da equipe tenham de receber indiretas só porque o gestor não tem coragem de se comunicar diretamente com aqueles que não cumprem suas funções adequadamente.
- Não se diz, em um e-mail desse tipo, que há “vários assuntos a serem tratados”. Reuniões têm de ter uma pauta específica e que deve ser topicalizada. A pauta deve ser composta de poucos itens para que a reunião não se alongue muito e não se torne improdutiva. Além disso, conhecer a pauta facilita a vida de quem irá redigir a ata da reunião e também pode fazer com que membros da equipe que estejam envolvidos no projeto, mas não diretamente nos assuntos que serão tratados na reunião, possa decidir se precisa ou não participar dela. Reuniões tomam tempo e por isso devem contar apenas com a presença das pessoas efetivamente envolvidas com os assuntos da pauta, caso contrário isso gera perda de produtividade para as empresas.
- A expressão “Vocês estão sabendo” indica que a informação é desnecessária. Ninguém precisa repetir aquilo que todos sabem, é perda de tempo. Por outro lado, o emissor da mensagem não informa exatamente “os assuntos” que devem ser “previamente estudados” e como não há delimitação do tema da reunião no campo assunto e nem pauta específica, o e-mail parece mais uma mensagem cifrada para iniciados do que uma convocação ou convite para reunião.
- Finalizar um texto profissional com “Um abraço” é inadequado. Trata-se de excesso de informalidade para uma situação de comunicação que deve ser formal.
- O escritor da mensagem assim simplesmente como “João”, sem sobrenome e sem cargo. Mais uma vez, só os iniciados saberão que é esse “João” e qual sua função na empresa. Em caso de auditoria interna ou externa, os documentos todos ficam à disposição de pessoas que não trabalha diariamente na corporação e por isso não devem conter lacunas.

Exercícios

- 1) Com base na análise do e-mail anterior, escreva uma mensagem eletrônica convidando ou convocando sua equipe para uma reunião. Envie para o e-mail indicado em sala de aula e, na linha assunto, antes de especificá-lo, coloque entre

colchetes o código que será passado em sala de aula [XXX]. No final do e-mail, depois da assinatura, coloque os seguintes dados: Matrícula, nome completo, unidade da FATEC, curso e período (matutino, vespertino ou noturno).

- 2) Com base nas aulas sobre correspondência comercial, escreva uma mensagem informando o chefe sobre o resultado de um trabalho que ele mandou você realizar. Envie para o e-mail indicado em sala de aula e, na linha assunto, antes de especificá-lo, coloque entre colchetes o código que será passado em sala de aula [XXX]. No final do e-mail, depois da assinatura, coloque os seguintes dados: Matrícula, nome completo, unidade da FATEC, curso e período (matutino, vespertino ou noturno).
- 3) Com base nas aulas sobre correspondência comercial, escreva uma mensagem cobrando um cliente que está com a prestação em atraso. Envie para o e-mail indicado em sala de aula e, na linha assunto, antes de especificá-lo, coloque entre colchetes o código que será passado em sala de aula [XXX]. No final do e-mail, depois da assinatura, coloque os seguintes dados: Matrícula, nome completo, unidade da FATEC, curso e período (matutino, vespertino ou noturno).
- 4) O e-mail a seguir, extraído de uma situação de comunicação real, está mal formulado e sem o campo assunto. Reescreva-o adequadamente. Crie, de modo coerente, as informações que estão faltando. Envie-o para o e-mail indicado em sala de aula e, na linha assunto, antes de especificá-lo, coloque entre colchetes o código que será passado em sala de aula [XXX]. No final do e-mail, depois da assinatura, coloque os seguintes dados: Matrícula, nome completo, unidade da FATEC, curso e período (matutino, vespertino ou noturno).

XXXXXXXXXX, bom dia.

Gostaria de saber se o projeto da criação do CD-ROM foi suspenso ou se está sendo realizado por outra empresa. Caso seja possível, nos informe se a razão foi custo, prazo, projeto, etc. Esta informação ajuda a aprimorar nosso trabalho e adequá-lo às necessidades do mercado.

PS. Se a proposta apresentada não atendeu as necessidades da Queiroz Galvão podemos remodelar o projeto de acordo com as suas novas especificações.

De qualquer forma agradeço a oportunidade de apresentar nossa empresa e serviços.

Atenciosamente,

XXXXXXXXXXXX

Relatório

Relatório é um documento que registra as conclusões às quais chegaram os membros de uma comissão, de um grupo, um colaborador ou qualquer pessoa que tenha sido encarregada de efetuar uma pesquisa, de estudar um problema particular, um projeto qualquer. Normalmente, estuda-se na academia relatórios de experiências científicas ou de pesquisa. Nosso interesse, neste momento, é estudar como se constrói a minuta de um relatório que registra todos os passos de uma investigação para resolver um problema.

Nesse sentido, vamos apresentar os principais pontos de um relatório e comentá-los. Em seguida, vamos utilizar um exemplo extraído de: Garcia, Othon. **Comunicação em Prosa Moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 1980. Esse modelo, bastante clássico por conta da importância da obra, será adaptado à linguagem contemporânea e ampliado.

Partes do relatório:

1- Informações iniciais

- Título do relatório: deve ser bastante específico, assim como recomendamos que seja o assunto das cartas e e-mails comerciais;
- Data: assim como nas correspondências comerciais, se no papel timbrado constar o endereço da empresa, não é necessário colocar o local, apenas a data;
- Nome dos destinatários: assim como nas correspondências comerciais, deve-se agregar o vocativo cortês, a forma de tratamento, o nome de o cargo da pessoa, caso seja destinado a uma única pessoa, ou a instituição a que se destina.

2- Introdução

- Apresentação do assunto do relatório: de que se trata;
- Circunstâncias de composição: por que o autor ou os autores estão investigando o problema. Em uma empresa particular, a pessoa ou equipe que investiga deve ter sido designada para isso por algum tipo de documento. Em empresas públicas, existem portarias de que atribuem aos investigadores poder para tal;
- Ideia central: síntese do que estará exposto na minuta.

3- Desenvolvimento (parte central)

- Seção Descritiva: descrição do contexto, do desenrolar dos fatos ou das ações desenvolvidas pelos investigadores.
- Seção Crítica: críticas sustentadas pelos fatos, por argumentos precisos.
- Seção Positiva: enunciação dos resultados, apresentação de proposições. Aqui devem ser apresentadas as sugestões para a solução do problema atual e também sugestões para prevenção de novos casos.

4- Encerramento

- Assim como nas correspondências comerciais, os investigadores devem encerrar colocando-se à disposição para eventuais esclarecimentos e com palavras de cortesia.

Perceba que o gênero é complexo, pois o produtor do relatório vai utilizar todas os tipos textuais: exposição, narração, descrição, argumentação e injunção.

Além disso, todas as considerações devem remeter a anexos que contêm a documentação de tudo o que foi feito. Essas são as provas materiais que irão sustentar a argumentação ou as evidências de determinada afirmação feita pelo produtor.

É muito importante, como em qualquer redação comercial, atentar para o uso da norma culta da língua, para a objetividade, para a coesão e coerência textuais. Também é aconselhável que o texto seja topicalizado e que as seções sejam numeradas. Relatórios sempre vão gerar pareceres, considerações ou outros textos que irão se referenciar as partes desses documentos. Estando rotuladas essas partes, elas podem ser mais facilmente e claramente referenciadas.

Na página a seguir, vamos estudar o exemplo de uma minuta de relatório.

RELATÓRIO SOBRE INVESTIGAÇÃO DE IRREGULARIDADES DO DEPARTAMENTO
DE CONTABILIDADE: VIOLAÇÃO DE MALOTE 94756 EM 28/7/2017

São Paulo, 4 de julho de 2017.

Caro Senhor José da Silva

Diretoria de Finanças M&D Cia. Ltda:

Tendo sido designado, por meio da Portaria 570/2017 de 1 de junho de 2017, para apurar a denúncia das irregularidades ocorridas no Departamento de Contabilidade em 28 de junho de 2017, quando o malote de valores número 94576 foi violado e dele foi subtraída a quantia de dez mil reais, submeto à apreciação de V. S^a. o relatório das ações que, nesse sentido, tomei para 1) Inquirir os responsáveis pela guarda do malote; 2) Definir as responsabilidades pelo ocorrido; 3) Propor ações a curto prazo para o problema específico; 4) Propor soluções preventivas.

1. As ações do inquérito:

- 1.1. Em 5 de junho de 2017, dirigi-me ao chefe da Seção de “Contas a pagar”, para inquirir os funcionários José Corrêa Silva e Pedro Luís Gonzaga, acusados do extravio de valores endereçados à firma S&L Cia. Ltda, desta praça.
- 1.2. Ambos negaram a autoria da violação do malote de pagamentos, conforme termos constantes das declarações anexas.

2. As conclusões: responsabilidades:

- 2.1. No inquérito realizado, ficou clara a culpabilidade do funcionário José Corrêa Silva, sobre quem recaem as mais fortes acusações registradas nos depoimentos anexas.
- 2.2. O segundo, apesar de não poder se considerar cúmplice do primeiro, tem parcela de responsabilidade, pois agiu por omissão, sendo negligente no exercício de suas funções. Como chefe da seção, devia estar presente na ocasião do lacre do malote em apreço – o que não ocorreu, conforme depoimento de fls.105, do livro de ocorrências.

3. Ações propostas:

3.1. Conclui-se que somente o inquérito policial poderá esclarecer o crime cometido com a violação do malote de pagamento da Seção de “Contas a pagar”.

3.2. Impõe-se instauração imediata de processo administrativo para punição dos responsáveis e ressarcimento dos prejuízos.

4. Ações preventivas:

4.1. A curto prazo, sugiro que seja incluída, de modo formal, por meio de portaria, a obrigatoriedade da presença do Chefe da Seção de Contas a pagar, ou de seu representante, em todas as ações de lacre de malotes de valores para dar maior segurança jurídica à empresa em casos futuros de violação dos malotes. Esse procedimento ainda não consta formalmente na lista de obrigações da chefia, embora conste que o Chefe da Seção tem a responsabilidade sobre a integridade dos malotes.

4.2. A longo e médio prazos, sugiro que seja instalado um sistema de monitoramento por câmera na Seção de Contas a pagar, local em que os malotes são lacrados. Solicitei ao corpo técnico da empresa as especificações dos equipamentos e à Seção de Compras três orçamentos para a instalação do sistema. Encaminho, anexos a este relatório todos os pareceres técnicos e os orçamentos. Quanto a estes, analisei-os e concluí que a Empresa SX Monitoramento é, entre as três, a que apresenta o custo-benefício mais vantajoso para aquisição do produto. Embora não seja a que oferece o menor custo, tem um programa de manutenção mais econômico do que a Empresa GH Monitoramento. A Empresa TK Monitoramento, por sua vez, apresenta um custo maior e não oferece serviço de manutenção, o que obrigaria esta empresa a firmar um contrato de manutenção com outro fornecedor.

Coloco-me à disposição para mais esclarecimentos.

Atenciosamente,

Paulo Albuquerque

Gerente de Pagamentos.

Exercício:

Imagine que ocorreu um problema em sua empresa e que uma equipe da qual você faz parte foi nomeada para investigá-lo. Escreva uma minuta, conforme modelo anterior, relatando as ações efetuadas, as conclusões, as ações propostas para solucionar o problema e as sugestões a curto, médio e longo prazos.

Sumarização de informações: construção de esquemas gráficos e infográficos

Gráficos – transformando um texto em gráfico

Exercício:

Crie um gráfico que represente o percentual de crescimento da produção de café em coco e cacau tomando como base sempre o ano de início dos dados, de acordo com o texto a seguir. Informações extraídas do IBGE, Censo Agropecuário 1920/1970 (dados alterados):

Em 1920, produzia-se no Brasil, 200 toneladas de café em coco. Em 1950, a quantidade do produto passou a ser de 300 toneladas, passando para 450 toneladas em 1960 e para 600 toneladas em 1970. Já quanto ao Cacau, a quantidade produzida era de 300 toneladas em 1920, passando a 400, 600 e 660 em 1950, 1960 e 1970, respectivamente.

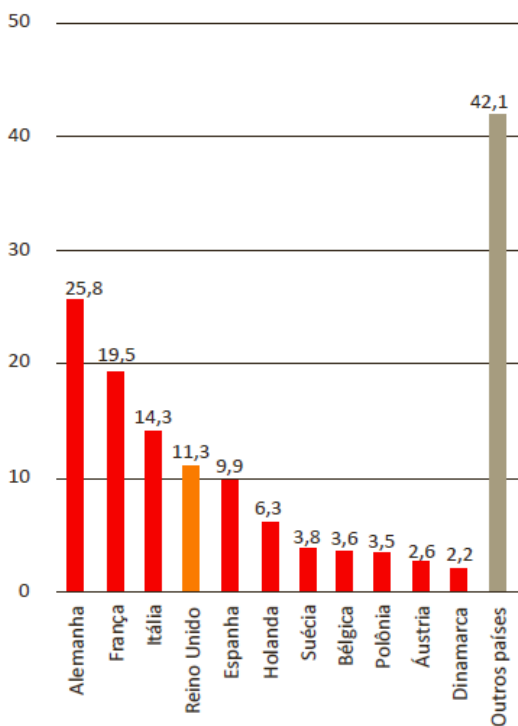
Transformando gráficos em texto

Leia os textos a seguir e escreva um texto objetivo que contenha todas as informações dos dois gráficos sobre as relações financeiras entre a União Europeia e o Reino Unido:

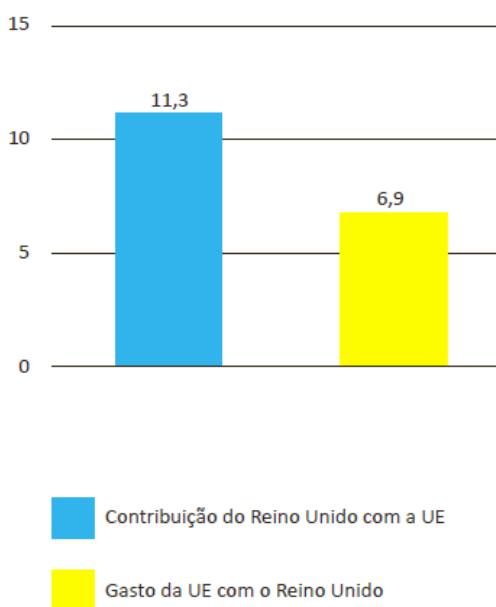
Os britânicos decidiram sair da União Europeia (UE). A decisão do referendo abalou os mercados financeiros em meio às incertezas sobre os possíveis impactos dessa saída.

Os gráficos a seguir apresentam, respectivamente, as contribuições dos países integrantes do bloco para a UE, em 2014, que somam € 144,9 bilhões de euros, e a comparação entre a contribuição do Reino Unido para a UE e a contrapartida dos gastos da UE com o Reino Unido.

Contribuições para a UE
Dados de 2014, em € bilhões



Reino Unido e UE
Dados de 2014, em € bilhões



Disponível em: <<http://www.g1.globo.com>>. Acesso em: 6 set. 2017 (adaptado).

Infográficos

A seguir, vamos transcrever parte das informações que você pode encontrar na íntegra em **Oficina da Net**:

(<https://www.oficinadanet.com.br/post/12736-o-que-e-um-infografico>, cessado em 20/7/2017).

Trata-se de um bom texto sobre Infográfico, um gênero que pode ajudá-lo na vida acadêmica e profissional e transmitir informações de modo mais rápido, eficiente e agradável.

O que é um infográfico?

Conheça o que é um infográfico e também a história da infografia. Sabia que os mapas também são infográficos?

Por [GABRIEL PHILIPPE](#) | [@oficinadanet](#) em 16/05/2014 09:00 em [TECNOLOGIA](#)

Um infográfico, ou a arte da infografia, é caracterizado por ilustrações explicativas sobre um tema ou assunto. Infográfico é a junção das palavras info (*informação*) e gráfico (*desenho, imagem, representação visual*), ou seja, um infográfico é um desenho ou imagem que, com o auxílio de um texto, explica ou informa sobre um assunto que não seria muito bem compreendido somente com um texto. Os infográficos são muito utilizados em jornais, mapas, manuais técnicos, educativos e científicos, e também em sites.



Fonte: iG Infográficos

Como o objetivo do infográfico é buscar de uma forma fácil e clara de expor uma informação, com o avanço da tecnologia o áudio e o vídeo foram adicionados aos infográficos criando infográficos interativos.

Origem da Infografia

A [infografia](#) tem suas raízes fixadas na pré-história. Os mapas são os primeiros vestígios de um infográfico criado, e foram criados milênios antes da escrita. O mapa mais antigo que se conhece, foi encontrado na Turquia, Çatal Hüyük exatamente, e foi datado há cerca de 6.200 anos a.C., eles foram encontrados pintados numa parede da cidade (*que por acaso é muito antiga*).

Em 1626, Christoph Scheiner publicou um livro chamado de *Rosa Ursina sive Sol*, que continha uma grande variedade de gráficos. Estes gráficos continham

dados que relatam os resultados obtidos através de sua pesquisa astronômica sobre o sol. Christoph usou uma série de imagens para explicar o tempo de rotação do sol, através de manchas solares. O livro era cheio de infográficos.

Leonardo Da Vinci, entre 1510 e 1513, estudou sobre os fetos resultando em obras que podem ser considerados como infografias de uma imensa complexidade. Da Vinci tentou entender o fenômeno e descrevê-lo em detalhe extremo, isso sem enfatizar ou explicações teóricas. No decorrer de sua vida, Da Vinci planejou uma enciclopédia que era baseada em desenhos que detalhavam basicamente tudo. Ele realizou autopsias e elaborou desenhos anatômicos extremamente detalhados, tendo planejado um trabalho sobre o corpo humano, que era de anatomia comparativa.



Infográfico de Da Vinci

Evolução da Infografia

A partir do século XIX, com o avanço da tecnologia de impressão, o uso de imagens e fotografias em jornais acaba se tornando mais fácil. Já na década de 1920, as novas tecnologias permitiram o envio de imagens por cabo ou por antenas, e logo em 1960 o uso de satélites permitia que fatos ocorridos no mesmo dia, porém,

em locais distantes fossem informados rapidamente. O que de fato teve uma influência maior no uso dos infográficos foi a possibilidade de digitalização de dados em 1980.

Durante a Guerra do Golfo (1990) a visibilidade dos infográficos aumentou que pela falta de fotografias o uso de expressões gráficas foi à saída. O uso de interfaces gráficas que houve com a chegada do Windows 95 e o Macintosh aumentaram consideravelmente as possibilidades do uso do material visual em jornais.

Então, com a possibilidade do uso de interfaces gráficas para a criação de sites, unindo os recursos de mídia e visuais disponíveis, a infografia se tornou sem dúvida a melhor maneira de tratar informações. Por volta de 1995, com o surgimento de programas capazes de tratar o desenho vetorial, o uso da infografia se consagrou como um dos melhores modos de expressar uma informação.

Exercício: construindo infográficos

- a) Acesse o endereço: <https://resultadosdigitais.com.br/blog/como-fazer-um-infografico/>, acessado em 27/7/2017.
- b) Leia as orientações sobre como fazer um infográfico.
- c) Inscreva-se no site *Canva.com* (<https://www.canva.com/>), use o *Microsoft PowerPoint* ou outro software que você conhecer.
- d) Produza um infográfico para apresentar à sala sobre as suas atividades profissionais ou sobre as atividades de sua empresa. Caso não esteja empregado, produza um infográfico que apresente as funções que um profissional de sua área realiza.
- e) Lembre-se de que, embora os infográficos comportem, às vezes, linguagem informal, para esta atividade você deverá usar a linguagem formal.

Currículo

Não existe um modelo de currículo, mas vários modelos de acordo com a sua atividade profissional. De qualquer modo, a partir da apresentação de um modelo de currículo, é possível refletir sobre as diferentes formas e a melhor forma de organizar as informações nesses documentos que representam, muitas vezes, a diferença entre ser ou não chamado para uma entrevista de emprego.

Seguem algumas dicas:

- a) Seja conciso, porém coloque todas as informações necessárias. Para profissionais jovens, uma página é suficiente. Profissionais com mais tempo de carreira podem se estender mais e, nestes casos, se o currículo for muito breve, parece que ele realizou pouca coisa. Use frases curtas e evite adjetivos. Deixe margens largas e não use letras muito pequenas.
- b) Quando se tem várias experiências anteriores, convém abrir o currículo com um sumário executivo no qual, em 30 segundos de leitura, o candidato exponha seu objetivo (exemplo: Conquistar um cargo executivo na Área Industrial ou Conquistar a vaga de Diretor/Gerente da Área Industrial) e relacione, em tópicos curtos, as experiências profissionais que justificam a pretensão.
- c) Recorra a *softwares* de editoração eletrônica e impressoras a laser para produzir um currículo adequado. Se você foi promovido várias vezes, é importante enfatizar isso. Itens de sua carreira que não colaboram com suas ambições devem ser pouco enfatizados ou postos de lado. Inicie as frases com verbos de ação, como construí, reduzi, administrei, organizei etc. Não conte o porquê de ter deixado os empregos anteriores. Isso é assunto para a entrevista.
- d) Erros de ortografia, gramática e digitação causam péssima impressão. Peça ajuda a quem conhece bem as regras da língua portuguesa para revisar o texto.

- e) Certifique-se de colocar nome, endereço e telefone logo no início da primeira página. Currículos são lidos rapidamente e essas informações são fundamentais para você ser encontrado.

- f) Evite colocar números de RG, CPF ou de título de eleitor. Também não se deve informar raça, religião e filiação partidária, pois estes são assuntos que nada têm a ver com sua competência. Salários anteriores, pretensão salarial e referências devem, se possível, ser apresentadas na entrevista.

- g) Seu currículo pode também ser acompanhado por uma carta de apresentação, redigida de acordo com os procedimentos estudados neste material. Caso precise enviá-lo por meio eletrônico, deve anexá-lo ao e-mail e no corpo da mensagem poderá escrever o texto da carta de apresentação.

Lembrem-se de que programas como *Microsoft Word* oferecem ferramentas para construção de currículos, você pode conferir acessando no programa o menu Arquivo, Novo e, finalmente, escolhendo um modelo de currículo. A partir daí, basta seguir as instruções que será gerado um documento para que você possa preencher com seus dados.

Também é possível encontrar modelos de currículos para várias áreas em:
<http://economia.ig.com.br/carreiras/2014-05-25/17-modelos-de-curriculo-para-diversas-areas-de-atuacao.html>.

A seguir, apresentamos um modelo de currículo extraído de:

http://www.meucurriculum.com/Modelo_de_Curriculum_Preenchido.doc.

José da Silva Ramos

Brasileiro, solteiro, 29 anos

Rua Castor de Afuentes Andradas, número 109

Pampulha – Belo Horizonte – MG

Telefone: (31) 8888-9999 / E-mail: xxxxxx@gmail.com.br

OBJETIVO

- Desempenhar as funções de Analista Financeiro

FORMAÇÃO

- Pós-graduado em Gestão Financeira. IBMEC, conclusão em 2006.
- Graduado em Administração de Empresas. UFMG, conclusão em 2003.

EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

- **2004-2008 – Rocha & Rodrigues Investimentos**
Cargo: Analista Financeiro.
Principais atividades: Análise técnica de balanço patrimonial, análise de custo de oportunidade, análise de estudos de mercado.
Responsável pelo projeto e implantação de processos pertinentes a área.
Redução de custos da área de 40% após conclusão.
- **2001-2003 – ABRA Tecnologia da Informação**
Cargo: Assistente Financeiro
Principais atividades: Contas a pagar e a receber, controle do fluxo de caixa, pagamento de colaboradores, consolidação do balanço mensal.
- **2000-2001 - FIAT Automóveis**
Estágio extracurricular com duração de 6 meses junto ao Departamento de Custeio.

QUALIFICAÇÕES E ATIVIDADES PROFISSIONAIS

- Inglês – Fluente (Number One, 7 anos, conclusão em 2001).
- Experiência no exterior – Residiu em Londres durante 6 meses (2004).
- Curso Complementar em Gestão de Investimentos de Renda Variável - FGV (2004).
- Curso Complementar em Direito Empresarial – UFMG (2007).

INFORMAÇÕES ADICIONAIS

- Premiado com o título de Aluno Destaque da graduação – Menção Honrosa (2003)
- Disponibilidade para mudança de cidade ou estado.

VI – Níveis de linguagem

Saber uma língua é separar o certo do errado?

A língua é um organismo vivo que varia conforme o contexto e vai muito além de uma coleção de regras e normas de como falar e escrever.

Ataliba T. de Castilho (USP, CNPq) Índice:

1. Como é essa história de falar certo e de falar errado?
 - 1.1 Nível sociocultural do falante
 - 1.2 Graus de intimidade com o interlocutor
 - 1.3 Variação etária e variação sexual
2. O que vem a ser Português culto?
3. O português certo e o português errado seriam duas línguas diferentes?
4. Dizem que o Português é uma língua muito difícil. É verdade?
5. Onde se fala o “melhor português”?
6. Então, o que faremos com as regras do certo e do errado?
7. Novas Perguntas
8. Leituras recomendadas
9. Glossário

1. Como é essa história de falar certo e de falar errado?

Para encaminhar esta questão de falar certo e de falar errado, precisamos inicialmente nos perguntar como as línguas naturais – como o Português – funcionam na sociedade.

Uma das respostas a essa pergunta foi formulada pela Teoria da variação e mudança.

De acordo com a Teoria da Variação e Mudança, a língua é um fenômeno intrinsecamente heterogêneo, justamente por que é usada em nosso dia-a-dia, tendo por consequência de dar conta das muitas situações sociais em que nos envolvemos quando falamos.

O locutor e o interlocutor atuam em diferentes espaços, concretamente configurados. Para se comunicar com eficiência, eles fazem diferentes escolhas no multissistema linguístico, as quais deixarão marcas formais em sua produção linguística.

Vamos sistematizar um pouco esse lance dos “diferentes espaços”. Imagine um locutor conversando com um interlocutor. Ambos estarão necessariamente localizados nos seguintes eixos espaciais:

- (1) Espaço geográfico

Quem fala e quem escuta o faz num determinado território geográfico. Descobriu-se que há uma correlação entre a região de origem dos falantes e as marcas específicas que eles vão deixando em sua produção lingüística. Portugueses e brasileiros não falam do mesmo jeito. Brasileiros do Norte, do Nordeste, do Sudeste, do Centro Oeste e do Sul não falam exatamente do mesmo jeito. Uma língua natural conterà, portanto, diferentes dialetos*, relacionados ao espaço geográfico que ela ocupa. Esse fenômeno é estudado pela Dialetoologia* e pela Sociolingüística*.

De todas as variedades do Português, a variedade geográfica é a mais perceptível. Quando começamos a conversar com alguém, logo percebemos se ele é ou não originário de nossa região.

(2) Espaço social

Mesmo que considerássemos os falantes do Português originários de uma mesma região, ainda assim sua linguagem vai variar, pois cada falante procede de um segmento diferente da sociedade. E já se observou que há uma correlação entre fatos lingüísticos e o segmento social de onde o falante procede. Podemos sistematizar o espaço social levando em conta pelo menos três variáveis: (i) nível sociocultural do falante, (ii) sua intimidade com o interlocutor, (iii) sua idade e sexo. Vamos examinar isso de perto.

1.1 – Nível sociocultural do falante

Analfabetos e cidadãos escolarizados não falam exatamente da mesma forma. Analfabetos usam o *Português popular*, ou variedade não-culta. Pessoas escolarizadas usam o *Português culto*, ou variedade padrão, aprendida na escola ou nos ambientes familiares de pessoas que cultivam o hábito da leitura.

Seriam muito diferentes essas variedades? No quadro a seguir, reunimos algumas de suas características.

Quadro 1: características do Português Brasileiro popular e do Português Brasileiro culto

PORTUGUÊS BRASILEIRO POPULAR	PORTUGUÊS BRASILEIRO CULTO
PRONÚNCIA DAS VOGAIS E DOS DITONGOS	
Ditongação das tônicas seguidas de sibilante no final das palavras: <i>mêis, luiz</i>	Essas vogais são preservadas: <i>mês, luz</i> .
Átonas iniciais podem nasalizar-se: <i>enzame, inducação, inleição</i> .	Mantém-se a átona inicial, flutuando sua pronúncia como <i>exame / izame, educação / iducação</i>
Abertura das átonas pretônicas no Nordeste (<i>còvardi, nòturno, nèblina, rècruta</i>), fechamento no Sul (<i>covardi, noturno, etc.</i>). Fechamento maior em palavras dissilábicas, donde <i>filiz, chuver</i> .	Mesmos fenômenos.
Queda das vogais átonas postônicas nas proparoxítonas: <i>pêzgu, cosca, oculos</i> , por <i>pêssego, cócegas, óculos</i> . Com isso, predominam as paroxítonas.	Mantêm-se as átonas postônicas nas proparoxítonas, que são mais frequentes na fala culta.

Vogais átonas finais <i>-e, -o</i> são mantidas em algumas regiões, e fechadas em outras, encontrando-se as pronúncias <i>pen-te – pen-ti, lo-bo – lo-bu</i> .	Mesmos fenômenos.
Perda da distinção entre ditongos e vogais em contexto palatal: monotongação em <i>caxa, pexe, bejo, queijo</i> ; ditongação em <i>bandeija, feichar</i> .	Não ocorre a perda do ditongo ou a ditongação nesses vocábulos.
Desnasalação e monotongação dos ditongos nasais finais: <i>hómi, faláru</i> .	Os ditongos nasais são mantidos: <i>homem [òm-ey], falaram [falárãw]</i> .
Monotongação dos ditongos crescentes átonos em posição final: <i>ciênça, experiência, negoço</i> .	Manutenção desses ditongos: <i>ciência, experiência, negócio</i> .
PRONÚNCIA DAS CONSOANTES	
Retroflexão do <i>r</i> na área dos falares caipiras, seja no final ou na posição inicial de sílaba e nos grupos consonantais: <i>porta, caro, cobra</i> . No Nordeste e no Rio de Janeiro, vibração posterior. No Sudeste e Sul, vibração anterior.	Mesmos fenômenos, com a tendência a discriminar o <i>r</i> retroflexo em situações formais.
Troca de <i>l</i> por <i>r</i> em final de sílaba e em grupos consonantais: <i>marvado, pranta</i> .	Manutenção do <i>l</i> : <i>malvado, planta</i> .
Troca de <i>v</i> por <i>b</i> em palavras tais como <i>barrer, bassoura, berruga, bespa</i> , em Pernambuco, Bahia e São Paulo.	Manutenção de <i>v</i> : <i>varrer, varroura, verruga, vespa</i> .
As dentais <i>t</i> e <i>d</i> em posição final (1) podem ser mantidas como tais, (2) palatizadas, como em <i>denti, pòdi</i> , (3) africadas como em <i>dentʃi, pòdʒi</i> .	Mesmos fenômenos.

Iodização da palatal <i>lh</i> : <i>oreya, vèyu</i> .	Manutenção da palatal: <i>orelha, velho</i> .
Espiração e perda de <i>-s</i> final: <i>vamos > vamoh; pôs > pôih</i> .	Manutenção da sibilante: <i>vamos, pôs</i> .
MORFOLOGIA	
Morfologia nominal e pronominal	
Perda progressiva do <i>-s</i> para marcar o plural, que passa a se expresso pelo artigo: <i>os hòmi, as pessoa</i> .	Manutenção das regras redundantes de marcação do plural, salvo na fala rápida: <i>os homens, as pessoas</i> .
Perda do valor do sufixo <i>-ior</i> nos comparativos de superioridade, utilizando-se o advérbio <i>mais</i> : <i>mais mió, mais pió</i> .	Preservação do valor comparativo do sufixo <i>-ior</i> : <i>melhor, pior</i> .
Alterações no quadro dos pronomes pessoais: generalização do reflexivo <i>se</i> para a primeira pessoa (<i>eu se esqueci, nós não se falemo mais</i>), perda do pronome <i>o</i> , substituído por <i>ele</i> (<i>eu vi ele</i>), generalização do pronome <i>lhe</i> , substituição de <i>tu</i> por <i>você</i> no centro do país, substituição de <i>nós</i> por <i>a gente</i> .	O pronome reflexivo ou mantém sua pessoa gramatical, na terceira pessoa (<i>ele se esqueceu</i>) ou é omitido (<i>eu esqueci</i>). A perda de <i>o</i> na língua falada se difunde, substituindo-o por <i>ele</i> ou por \emptyset , mantendo-o apenas na língua escrita. Usa-se <i>tu</i> apenas nas regiões Norte e Sul do país, neste caso sem com ele concordar o verbo: <i>tu sabe de uma coisa?</i>

Redução do quadro dos pronomes possessivos para <i>meu / seu / dele</i> , com perda progressiva de <i>teu</i> nas regiões em que desapareceu <i>tu</i> .	Mesmas características. O pronome <i>teu</i> pode aparecer em contextos marcados, alternando com <i>seu</i> : <i>Meta-se com os seus negócios, isto não é da tua conta!</i>
Redução dos pronomes demonstrativos a dois tipos: <i>esse/aquele</i> , o primeiro para indicar objetos próximos ou para retomar informações próximas, e o segundo para indicar objetos ou informações distanciadas.	Mesmas características.
Generalização do pronome relativo <i>que</i> , perdendo-se <i>cujo</i> , <i>onde</i> .	Mesmas características.
Morfologia verbal	
Elevação da vogal temática no pretérito perfeito do indicativo: <i>fiq<u>ue</u>mo, falemo, bebim<u>u</u></i> .	Manutenção da vogal temática, continuando indistintos o presente e o pretérito: <i>ficamos, falamos, bebemos</i> .
Simplificação na morfologia de pessoa, dadas as alterações no quadro dos pronomes pessoais, reduzindo-se a conjugação a apenas duas formas diferentes: <i>eu <u>falo</u>, você / ele / a gente / eles <u>fala</u></i> . Por hipercorreção, pode-se ouvir <i>a gente falamos</i> .	A morfologia de pessoa reduz-se a três, às vezes a quatro formas diferentes: <i>eu <u>falo</u>, você / ele / a gente <u>fala</u> / eles <u>falam</u></i> .
SINTAXE	
Simplificação da concordância nominal, expressa apenas pelo determinante (como em <i>as pessoa</i>); essa simplificação se acentua quando o substantivo e o adjetivo vêm no diminutivo (<i>aqueles cabelim branquim</i>). A concordância é ainda visível quando há saliência fônica diferenciando a forma singular da forma plural, como em <i>as colheres</i> , que tem uma sílaba a mais do que <i>a colher</i> .	Manutenção da concordância nominal com redundância de marcas: <i>as pessoas, aqueles cabelinhos branquinhos</i> .
Simplificação da concordância do verbo com o sujeito: <i>as pessoa <u>fala, fala</u>, mas não <u>resolve nada</u></i> . Ocorrendo saliência fônica entre as pessoas do verbo, mantém-se a concordância: <i>as pessoa <u>saíru</u>, mas elas <u>são</u> bão</i> .	Mantém-se a concordância do verbo com o sujeito, mas a regra pode não se aplicar quando o sujeito é posposto e separado do verbo por expressões várias: <i><u>Faltou</u> mesmo depois de tanta <u>luta as respostas</u> mais interessantes</i> .
Predominância do sujeito exposto e colocado antes do verbo, evitando-se o sujeito posposto.	Mesma característica. Sujeito “pesado”, isto é, constituído por muitas sílabas tende a pospor-se
	ao verbo, mas a sintaxe torna-se progressivamente mais rígida.
Objeto direto pronominal exposto pelo pronome <i>ele</i> (<i>eu vi ele</i>) ou por <i>lhe</i> (<i>eu não lhe conheço</i>). Objeto indireto exposto por pronome demonstrativo neutro e complemento oblíquo tendem a aparecer antes do verbo: <i><u>Isso</u> eu quero, <u>Isso</u> eu preciso</i> .	Discreta preferência pelo objeto direto omitido: <i>eu vi Ø</i> . Na fala culta espontânea é comum dizerse <i>eu vi ele</i> , mas ainda é raro o uso de <i>lhe</i> como objeto direto. Mesmas características nos demais casos.

Abundância de construções de tópico com retomada pronominal no interior da oração: <i>A menina, ela chegou agora mesmo.</i>	Mesma característica.
Preferência pela oração relativa cortadora, em que se omite a preposição antes do pronome relativo (<i>perdi a revista que a capa estava rasgada</i>) e pela relativa copiadora, em que se insere pronome pessoal depois do relativo (<i>o menino que ele chegou trouxe a correspondência</i>). Nos dois casos, nota-se que o relativo se “despronominaliza” e é cada vez mais apenas uma conjunção.	Preferência pela oração relativa padrão, sobretudo na variedade escrita: <i>perdi a revista cuja capa estava rasgada, o menino que chegou trouxe a correspondência</i> . Na variedade falada espontânea já se encontram as relativas cortadora e copiadora.
Preferência pela oração substantiva “dequeísta”: <i>Ele falou de que não sabia de nada.</i>	Preferência pela oração substantiva “nãodequeísta”: <i>Ele falou que não sabia de nada.</i>

1.2 – Graus de intimidade com o interlocutor.

Diferentes graus de intimidade caracterizam o espaço social intra-individual. A língua produzida segundo esse eixo é denominada *registro*, em que se reconhece o *Português informal ou coloquial* e o *Português formal ou refletido*.

Falamos inteiramente “à vontade” com nossa família e com nossos amigos. Falamos com mais cuidado, escolhendo as palavras e refletindo mais sobre a impressão que vamos dar quando falamos com pessoas desconhecidas. Em consequência, escolhemos os recursos linguísticos adequados a essas situações. Veja como um mesmo indivíduo escreve um bilhete pra namorada ou se dirige ao seu superior:

Quadro 2: características do Português informal e do Português formal

Português informal	Português formal
<i>Bilhete para a namorada</i>	<i>Carta para o patrão</i>
<i>Oi Bia:</i> <i>Seguinte. A gente combinou de ir no cinema amanhã, sessão da tarde. Não vai dar. Me esqueci que tem uma prova no colégio, e se eu não estudar minha velha me pega pelo pé. Eu, hein? Tô fora. Você me entende.</i>	<i>Senhor gerente:</i> <i>Terei de faltar amanhã ao trabalho em razão de uma prova bem difícil, no colégio. Precisarei estudar, pois se eu for mal nessa prova minha mãe vai ficar muito nervosa. Espero que o senhor compreenda minha situação</i>
<i>Beijocas, Pedrão</i>	<i>e que me desculpe. Atenciosamente, Pedro</i>

1.3 – Variação etária e variação sexual

Outro ponto que faz variar nossa linguagem é dada pelo espaço individual, ou seja, por nossa idade e por nosso sexo. A variação que daí resulta é conhecida pelo termo técnico *socioletos*.

São socioletos a linguagem dos jovens e dos velhos, a linguagem dos homens e das mulheres. Velhos falam como se falava antes, e jovens acolhem as mudanças na língua que serão generalizadas posteriormente. Jovens usam mais gírias que velhos.

A estrutura da língua portuguesa não explorou muito fortemente a diferença entre sexos. Em algumas línguas, a própria morfologia* é diferente, segundo quem fala é um homem ou uma mulher. Pesquisas sobre o português culto mostraram, entretanto, que mulheres e homens distribuem diferentemente expressões do tipo *eh...*, *ahn... eh...* quando falam, criando o que Tarallo (1993) chamou de “sotaque sintático”.

(3) Espaço temático

Outra característica da fala que leva à variação linguística é o assunto que está sendo desenvolvido. Podemos falar de assuntos do dia-a-dia, e teremos o *Português corrente*. Podemos falar de assuntos especializados, e aí teremos o *Português técnico*. Só para dar um exemplo: o paciente procura o médico e diz que está com “dor-decabeça”. O médico escreve o diagnóstico: “cefalalgia”. A dor é a mesma, mas cefalalgia parece mais elegante, não é mesmo? Essa impressão vem do fato de que a primeira expressão é usada toda hora, por pessoas de qualquer nível cultural, mas a segunda é mais rara, sendo comumente usada por médicos. A gramática é a mesma, mas o vocabulário é muito diferente. Muitas piadas são construídas sobre o jogo “linguagem corrente / linguagem técnica”, e você deve conhecer várias.

O modo como elaboramos um assunto não fica na seleção de termos técnicos.

Podemos focalizar com cuidado determinado assunto – e teremos o *discurso definido* – ou podemos falar de modo muito vago, como os políticos quando respondem a perguntas indiscretas – e teremos o *discurso impessoal ou indefinido* – e por aí vai a coisa. Uma coisa é dizer “*eu paguei essa conta, é o que te digo*”, e outra, mais “vagal”, é dizer “*parece que essa conta já foi paga, pelo menos foi o que me disseram*”.

Compare agora os dois textos abaixo e tire suas conclusões sobre o que é a linguagem corrente e o que é a linguagem técnica.

Quadro 3: comparando a linguagem corrente com a linguagem técnica

Linguagem corrente	Linguagem técnica
--------------------	-------------------

<p><i>O câncer de boca mata muita gente. Parece que essa doença é causada pelo fumo, que provoca um conjunto de alterações nas células da gente. O biólogo Wirshow, que pela primeira vez estudou o câncer, dizia que essa doença é como uma loucura que dá nas células. Elas mudam de comportamento mas quem paga o pato é você. Ainda mais quando as doidinhas dão de invadir seu corpo. Acho que é isso aí.</i></p>	<p><i>A transição epitélio-mesenquimal é um processo chave na invasão e metástase em carcinomas, sendo responsável pela ativação de genes mesenquimais como a Vimentina e pela inibição de genes epiteliais como as Citoqueratinas. Uma série de eventos segue a transição epitéliomesenquimal, como a perda da adesão celular, a síntese de componentes exclusivos da matriz extracelular como a glicosaminoglicana Fibronectina e a síntese de proteases como a Estromelisinina-1.</i></p> <p>Rogério Moraes de Castilho (2003). Transição epitélio-mesenquimal em carcinomas epidermóides bucais. São Paulo: Universidade de São Paulo, tese de doutoramento.</p>
--	--

(4) Espaço temporal

Finalmente, locutor e interlocutor atuam em determinado momento histórico, e a época de que procedem reflete-se no material lingüístico que selecionam. O elenco desses materiais configura a variação diacrônica, de que se ocupa a Lingüística Histórica*. Alguns autores usam o termo *cronoleto* para designar as variedades diacrônicas. Leia estes dois cronoletos, sendo o da esquerda um trecho retirado da *Crônica Geral da Espanha*, texto do século XIV, e o da direita sua adaptação para o cronoleto de hoje em dia:

Quadro 4 – Exemplos de Português arcaico e de Português contemporâneo

Português arcaico	Português contemporâneo
<p><i>Os filhos de Pompeo, que scaparon da batalha, veheronse pera as Spanhas e apoderaronse dellas e ajuntavã a sy muytas gentes. E, quando o soube Julyo Cesar e que ouve ordenado daquella vez ena cidade de Roma aquello que teve por bem com o senado, foisse logo pera as Spanhas cõtra os filhos de Pompeo, que alló andavã. E, des o dia que sayu de Roma, tanto andou, que em dez e sete dias foy na cidade de Segonça, por hyr apressa sobre seus inmiigos a deshora. E soube novas dos filhos de Pompeo, hu erã (= onde estavam), e foy logo contra elles e contra outros dous pryncipes que eram com elles, Lubio e Acio Varo, que eram hy cõ aqueles dous filhos de Pompeo.</i></p>	<p><i>Os filhos de Pompeu que escaparam da batalha, dirigiram-se à Espanha e apoderaram-se dela, juntando a si mesmos muitas pessoas. E quando Júlio César soube disso, depois de ter determinado ao Senado, na cidade de Roma, aquilo que achava bom, foi logo para a Espanha, contra os filhos de Pompeu, que por lá andavam. E desde o dia que saiu de Roma, andou tanto que em dezessete dias já estava na cidade de Segonça, para ir logo e a tempo contra seus inimigos. E teve notícias dos filhos de Pompeu, onde estavam, e foi logo contra eles e contra outros dois príncipes que estavam com eles, Lúbio e Ácio Varo, que ali estavam com aqueles dois filhos de Pompeu.</i></p>

Acesse o Portal da Nossa Língua, e leia textos das diferentes épocas da língua portuguesa.

2. O que vem a ser Português culto?

Cada uma das situações sociolinguísticas descritas na seção anterior dispõe de normas próprias. Ninguém usa o português formal numa situação familiar, ninguém fala como se falava no passado, e assim por diante. Esse é o entendimento que se tem de uma norma geral, de motivação antropológica.

Os antropólogos entendem a norma como um fator de aglutinação social, argumentando que ela é um conjunto de ações e atitudes culturais que resultam de forças coletivas. Em qualquer comunidade, cobra-se fidelidade de seus membros aos diferentes padrões culturais, aí incluída a língua. Sem adesão a esses padrões, o indivíduo passa a ser estranhado por seu grupo, e, no limite, toda uma comunidade perde sua identidade.

Mas tem-se observado que nas diversas comunidades de fala há sempre uma norma específica, uma variedade linguística de maior prestígio, a que se denomina *língua padrão, norma culta**.

Os lingüistas observaram que em face da norma culta as demais variedades sofrem discriminação. O conceito mesmo de norma culta abriga diferentes aspectos que se devem distinguir. Em trabalhos anteriores, Castilho (1978 e 1980) reconheceu três tipos de norma: a *norma objetiva* (ou padrão real), a *norma subjetiva* (ou padrão ideal) e a *norma pedagógica* (ou padrão das escolas).

A norma objetiva é o uso lingüístico concreto praticado pela classe culta, socialmente prestigiada. Ela é, portanto, um dialeto social. Ao longo da história de um povo identificam-se classes que assumem ascendência sobre as outras, irradiando comportamentos sociais e comportamentos lingüísticos. As raízes dessa ascendência são em geral de natureza econômica.

Como um dialeto social, a norma objetiva não está a salvo do fenômeno da variação lingüística. Assim, temos uma norma objetiva para cada período histórico, uma norma geográfica (em países de maior estabilidade social a norma coincide com o falar de uma região; no caso do Brasil, o policentrismo cultural acarreta necessariamente uma variedade de normas objetivas), uma norma intra-individual (há uma norma coloquial e uma norma refletida), uma norma individual (há normas para as diferentes faixas etárias da classe de prestígio), uma norma temática e uma norma relativa ao canal (norma da língua falada, norma da língua escrita).

Grandes projetos de pesquisa têm descrito a norma objetiva, como é o caso, no Brasil, do Projeto NURC, que documentou e descreveu a língua falada culta: Castilho (1990).

A norma subjetiva é o conjunto de juízos de valor emitidos pelos falantes a respeito da norma objetiva. Como se sabe, ao descrever a norma objetiva localizam-se variantes para o mesmo fenômeno, como os tipos de execução do fonema* /r/, as diversas estratégias de concordância nominal e verbal, a ordem variada dos elementos funcionais da sentença, etc. Confrontada com o elenco de variantes possíveis, a classe culta seleciona a que parece mais adequada, discriminando as demais, ou utilizando-as apenas em circunstâncias precisas como, por exemplo, articular /r/ como um alofone vibrante anterior ou posterior, discriminando a execução retroflexa nas situações formais (conhecido como /r/ caipira), usar o mais-que-perfeito simples na modalidade escrita mas rechaçá-lo claramente na língua falada, etc. Rodrigues (1968: 43) define esta modalidade como tudo aquilo que se "*espera que as pessoas façam ou digam em determinadas situações*". Testes especiais foram concebidos pela Sociolinguística para apurar essas preferências,

naturalmente após se ter obtido uma boa descrição da norma objetiva. Tornou-se bem conhecido entre nós o ensaio de William Labov, "The isolation of contextual styles": Labov (1972). Ele propõe ali uma categorização da fala em "situação de entrevista", "estilo de leitura", "listas de palavras" e "pares mínimos". Levando o falante a transitar por esses diferentes estilos é possível documentar a norma subjetiva, ou seja, é possível descobrir o que o falante pensa de sua própria execução linguística. Esse método foi utilizado por lingüistas brasileiros para avaliar juízos, entre outros tópicos, a respeito do [r] caipira, da abertura de vogais pretônicas no Nordeste, da palatização do /t/ e do /d/, do uso de a gente por nós, de tu por você, e assim por diante: veja Mollica / Braga (Orgs. 2003).

Se associarmos a norma objetiva e a norma subjetiva poderemos configurar a norma pedagógica (também conhecida como norma gramatical) que é, portanto, uma mistura um tanto difícil de realismo com idealismo em matéria de fenômenos lingüísticos. Da norma pedagógica se ocupa o ensino formal da língua portuguesa, com seus instrumentos de trabalho, a Gramática Normativa e o Dicionário.

Ora, numa sociedade em rápido processo de mudança como é a brasileira, há uma natural flutuação nas aspirações da classe escolarizada com respeito à adequação em matéria lingüística. Foi por isso inevitável a flutuação da norma culta ao longo dos tempos. Assim, durante o Brasil Colônia, o português padrão brasileiro coincidia com o português padrão lusitano, pois os portugueses comandavam os negócios públicos, imprimiam rumos políticos e culturais ao território, e tinham por isso um prestígio social maior. Com a Independência e a ascensão dos brasileiros a esses cargos, configurou-se outra variedade de prestígio, e com isso o português culto do Rio de Janeiro, capital da Colônia, e depois do Império e da República, impôs-se como um novo padrão, passando a ser utilizado nos materiais didáticos e mesmo em congressos científicos como a modalidade a ser adotada por quem quer que buscasse prestígio lingüístico em sua comunidade. Com a mudança da Capital para Brasília e o desenvolvimento de outras regiões, como se verá neste texto, passou a ocorrer no Brasil uma situação de policentrismo cultural, e hoje é uma tarefa inútil buscar na fala do Rio, de São Paulo, ou de qualquer outra região, um padrão válido para todo o país. Temos diversos padrões lingüísticos, cujo prestígio vale para as regiões em que são praticados.

Importa igualmente dar-se conta de que a teoria da variação lingüística tem tido uma grande repercussão na análise gramatical. Admite-se hoje que os falantes de uma língua operam com uma variedade de gramáticas, de acordo com a situação lingüística particular em que estão envolvidos. Labov (1972) diz que é possível estudar a língua em situações reais de uso, porque a heterogeneidade da língua é estruturada.

3. O português certo e o português errado seriam duas línguas diferentes?

Consultando o Quadro 1, aprende-se que (1) não há uma oposição categórica entre fala popular e fala culta, ocorrendo em muitos casos um compartilhamento de propriedades; (2) em certos casos, a preferência culta exclui fortemente a preferência popular; (3) em situações informais, diminui a distância entre essas variedades, e o falante culto pode aproximar-se bastante da

execução popular, ainda que não em todos os casos; (4) as variedades populares flutuam de acordo com a região geográfica, mas a fala culta é um pouco mais homogênea, sobretudo em sua forma escrita. Em conclusão, o que temos aqui são variedades linguísticas de uma mesma língua, não duas línguas diferentes.

Podemos agora voltar às primeiras perguntas formuladas neste texto, refletindo um pouco sobre o que há de certo e de errado nesse problema de falar certo e de falar errado.

Falando como professor de Português, diria que o que há de certo nesta questão é nossa inarredável obrigação de passar a nossos alunos o modo culto de falar e de escrever. Como todo mundo está cansado de saber, o modo certo não deriva de nada intrínseco ao Português. Não há formas ou construções intrinsecamente erradas, nem intrinsecamente certas, com exceção da grafia das palavras, que é a única matéria lingüística sujeita a uma legislação explícita. Assim, o certo ou errado deriva apenas de uma contingência social, que é, como se viu, que em todas as comunidades sempre se atribui a determinada classe um prestígio, uma ascendência sobre as demais classes que compõem essa comunidade.

A classe de prestígio não atua apenas na língua. Ela dita igualmente as normas de comportamento, o estilo da roupa, o gosto por certo tipo de música. Entra nessa lista a escolha de determinadas variedades lingüísticas, dentre aquelas que estão à disposição dos falantes. Ao escolher uma variante, essa classe “condena”, por assim dizer, as outras variedades. Assim, para pegar um exemplo banal, a comunidade culta nacional torce o nariz quando ouve alguém dizer *Os brasileiro gosta de futebol*. Essa construção não é usada pelos integrantes da classe culta. Entretanto, quando indivíduos dessa mesma comunidade precisam dizer essa frase em francês ou em inglês, eles não parecem nem um pouco aborrecidos só porque nessas línguas não há concordância verbal, e a concordância nominal ficou restrita ou ao substantivo, como no inglês, ou ao artigo, como no francês. É pelo menos isso que constatamos em *Les bresiliens aiment le football*, ou *The Brazilians love football*. No francês, parece haver plural também no substantivo *bresiliens*, mas esse “s” não é pronunciado, e aparece apenas na escrita. Já no inglês o artigo é invariável, e assim *the* significa *o, a, os, as*. Que prático, não? Pois é, os franceses, os ingleses e os americanos quase despacharam por inteiro dona concordância para o cesto das inutilidades, mas nem por isso se diz que eles são uns ignorantes! Parece que os brasileiros vão indo pelo mesmo caminho, neste começo do séc. XXI.

Agora, uma coisa diferente é como utilizar a norma culta quando não procedemos da classe social legitimadora dessa norma. E como ministrá-la nessas circunstâncias.

Sobre isso se tem conversado e publicado muito ultimamente, e de certo voltaremos ao assunto aqui no Portal.

Pelo menos três complicadores tornam particularmente difícil a tarefa de ensinar a norma culta em nossos dias: a mudança social, a mudança lingüística e a mudança da perspectiva didática.

Por **mudança social** quero referir-me às alterações da sociedade brasileira. De 1950 para cá o Brasil deixou de ser um país rural e passou a ser um país urbano. Com as fortes migrações de

européus no séc. XIX, e de brasileiros que vieram do campo para a cidade no séc. XX, a sociedade urbana se tornou muito complexa, muito heterogênea. Foram rompidos os vínculos que davam homogeneidade e um senso de segurança à nossa sociedade. Vemos as conseqüências disso claramente no dia-a-dia de nossas metrópoles e nas salas de aula.

Ora, nesse quadro de grande mobilidade social, em que a subida de segmentos e a descida de outros acarreta uma profunda revisão dos valores, como ficam as “certezas” da gramática escolar? Como elas se sustentarão nesse clima de mudança? O que está ocorrendo afinal com o “nosso Português”? Ouvimos todo dia na televisão e lemos nos jornais que o Português está decadente, que todo mundo fala mal e escreve pior. Que é preciso defender a pátria, ameaçada pelos solecismos e pela entrada maciça dos anglicismos. Você não deve deixar de ler a este respeito a análise inteligente de Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004), denominada “Dizem que vai mal o vernáculo no Brasil”. Aliás, muita gente está ganhando um bom dinheirinho com esse pânico todo, que não tem o menor fundamento.

Mas o curioso é que, a despeito desse catastrofismo, todo mundo continua se entendendo através da linguagem, a tiragem dos jornais aumenta, e a indústria editorial do país começa a ombrear-se com a de lugares adiantados em volume de obras publicadas a cada ano. E os blogs nunca fizeram os jovens escrever tanto como agora! Decadência da língua? Onde, cara pálida?

A **mudança lingüística** vem sendo amplamente documentada nas pesquisas diacrônicas empreendidas pelas universidades brasileiras. Desde o séc. XIX o Português Brasileiro e o Português Europeu começaram a afastar-se um do outro. A mudança começou no quadro dos pronomes, e daí se irradiou para a morfologia e para a sintaxe, atingindo o cerne de uma língua, que é seu sistema gramatical. Ora, alguns manuais didáticos ainda nos julgam muito próximos de Portugal, e isso deixou de ser verdade. Será que nossos joguinhos do certo e do errado ainda se sustentam, em face desse novo quadro lingüístico ?

Mas a **mudança de perspectiva didática** é a que torna ainda mais duvidoso centrar o ensino nas questões do certo e do errado. A ninguém deve ter passado despercebido que a escola deixou de ser a única instituição que dissemina a informação. A mídia, os meios eletrônicos de comunicação fazem isso com muito mais eficiência e rapidez. Libertada finalmente de seus encargos de depositária e divulgadora do conhecimento, a escola poderá finalmente cumprir o mais alto de seus objetivos, que é o de criar o conhecimento, o de levar as pessoas a pensarem, a desenvolverem seu juízo crítico. Temos de nos lembrar que nosso ofício maior não é ensinar a crase, é formar o cidadão de um estado democrático. De um cidadão numa democracia exige-se senso crítico, capacidade de julgar entre alternativas e escolher a que lhe pareça melhor. Dele se exige ampla exposição à variedade de possibilidades, à variedade de entendimentos, e também à variedades de execução da coisa pública. E da língua portuguesa.

Se em lugar de encarar criticamente a situação brasileira continuarmos a prescrever sem mais debates o que é certo e condenar o que é errado, estaremos por certo perdendo uma grande oportunidade para formar o cidadão. Isso tanto é mais grave no caso dos alunos que não integram classe culta - e estes são hoje a maioria na escola pública. A centração exclusivista do ensino da

norma culta poderá destruir neles a chamada “fidelidade lingüística”, isto é, seu apego à variedade lingüística aprendida em família, um dos fundamentos mais fortes de sua identidade psicossocial.

Chegar à escolar e só ouvir que você e sua família falam errado, é receber uma sentença de exclusão, de marginalização. “Você fala errado, logo está fora”. Essa é primeira manifestação do Estado que tantos jovens brasileiros encontram, quando estréiam na escola: “você é um errado, e sua família não fica atrás”. E depois nos espantamos quando esses excluídos voltam e vandalizam a escola!

Em lugar de excluir, que tal envolver os alunos numa discussão sobre o fenômeno lingüístico, fundamentada em amostras de língua e em suas variedades? E, conscientizados dessas diferenças, associarmos as situações de fala às variedades adequadas a elas? A estratégia do certo ou do errado é excludente, se adotada como missão única da escola não dará lugar às diferenças, e nesse sentido, será pernicioso à formação do espírito democrático. Democracia é a convivência dos contrários. Seremos democratas se nos limitarmos a um único recorte de língua, mesmo que seja aquele prestigiado pela sociedade, condenando o resto?

4. Dizem que o Português é uma língua muito difícil. É verdade?

Mas a concentração do ensino do Português na questão do certo/errado produz outro efeito colateral perverso. Quando lutamos com nossos alunos, condenando o erro gramatical, cheios de boa intenção (daquela boa intenção que enche o inferno), achando que nossa única função é expulsar definitivamente o erro gramatical, o que se observa é que não vemos resultados práticos! E pior ainda, escutamos adultos de formação universitária e jovens em idade escolar declamando o tempo todo: O

PORTUGUÊS É UMA LÍNGUA MUITO DIFÍCIL, NUNCA VOU APRENDER ISSO DIREITO!

Aliás, uma reação muito comum quando somos apresentados a um professor de Português é logo começarmos a nos justificar, fazendo afirmações como as de acima, explicando que nunca entendemos direito a gramática! Ou seja, quando o ensino se concentra na questão do certo e do errado, seu resultado é incutir fundo na alma nacional a autodesconfiança, a insegurança no uso da língua materna!! Um duro e estéril ofício esse, castrador da cidadania. É tão arraigada, é tão internalizada na alma nacional essa autoconsciência de desvalia lingüística, que as pessoas se irritam quando queremos simplesmente argumentar, discutir, conversar sobre o que se considera certo ou errado. É uma lástima que a concepção costumeira sobre o que é estudar a Língua Portuguesa tenha chegado a um nível tão baixo!! É o Português do Brasil que está esculhambado? Ou será seu ensino, por equivocado, que se esculhambou? De um jeito ou de outro, a Língua Portuguesa, a quinta língua mais falada no mundo, prosseguirá galhardamente na boca de brasileiros, portugueses e africanos.

O Museu da Língua Portuguesa e o Portal da Língua têm por objetivo mostrar alternativas a tudo isso, transformando a reflexão sobre a língua num exercício prazeroso.

5. Onde se fala o “melhor português”?

Outro efeito secundário da centração no lance do certo e do errado é a pergunta que abre esta seção.

Você decerto já notou que há uma grande curiosidade em se saber qual é o melhor Português falado e escrito no Brasil. Muitas perguntas são feitas a esse respeito. Eis aqui algumas respostas que têm sido dadas:

(1) *“O melhor Português é o de São Luís do Maranhão, por causa da influência francesa”.*

Esquisito, não? É o Francês que especifica que Português é o melhor? Já se comprovou a influência da língua francesa no Português praticado por nossos compatriotas maranhenses? Já se comprovou que é isso mesmo que eles mesmos pensam de sua execução linguística?

(2) *“O melhor Português é o dos escritores clássicos, como Camões, Pe. Vieira, Pe. Bernardes, Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, e aqui no Brasil, Machado de Assis, Euclides da Cunha. Para ser bamba em Português você tem que ler todo dia esses autores”.*

Esta é outra esquisitice: lendo o Português dos jornais e das revistas, ou mesmo dos autores contemporâneos, o que se vê aí se parece com o modo de escrever dos clássicos? Por outro lado, se para escrever bem é preciso imitar os clássicos, quer dizer que a língua não muda, ficará sempre parada no período clássico, entre os séculos XVI e XIX? É claro que qualquer pessoa deve ler extensivamente os textos literários. Mas isso para a formação de um repertório cultural, e pelo prazer da leitura. Não para aprender gramática. Não para imitar a linguagem ali exemplificada.

Por outro lado, é impossível comprovar que o padrão culto é aquele documentado na língua literária*. Há um padrão da língua falada, que corresponde aos usos lingüísticos das pessoas cultas. Há um padrão da língua escrita, que corresponde aos usos lingüísticos dos jornais e revistas de grande circulação, os únicos textos que garantidamente estão ao alcance da população. Ambos os padrões apresentam as variações linguísticas comuns às sociedades complexas, de que já falamos atrás.

Já a língua literária é outra coisa, pois assenta num projeto estético que impulsiona os autores a, justamente, distanciar-se da escrita do dia-a-dia, buscando um veio próprio, singular, diferenciado, não-padrão. É um desrespeito tratar os grandes escritores da língua como meros fornecedores de regras de bom Português, para uso das escolas. Como diríamos coloquialmente, os escritores estão em outra, para sorte de seus leitores.

(3) *“O melhor Português é o do Rio de Janeiro, que foi capital da Colônia, do Reino Unido e do Império. Além do mais é um grande centro cultural, irradiador das novas modas e comportamentos”.*

Essa resposta valeu até os anos 60, num período em que o Rio de Janeiro era sem dúvida a maior cidade do Brasil, abrigando as maiores editoras, jornais, revistas e teatros do país. Até aquele tempo, todo mundo ouvia a Rádio Nacional, com suas novelas e seus programas noticiosos. Até mesmo em alguns congressos realizados nessa década a variedade linguística carioca foi considerada como o Português padrão do Brasil, tendo sido utilizada na preparação de livros didáticos por professores do Rio de Janeiro, impressos por editoras localizadas em sua maioria na mesma cidade. Mas a verdade é que nunca se comprovou que as classes cultas brasileiras do resto do país falavam como os cariocas, nem que passassem a falar como tal por influência do rádio, dos jornais, das revistas e do teatro.

(4) *“O melhor Português é o de São Paulo, por que é uma cidade rica, e a maior cidade de língua portuguesa no mundo”.*

Bom, aqui estaremos trocando seis por meia dúzia, pois manteríamos o raciocínio de que o Português padrão está localizado em alguma cidade, em algum lugar por aí. Também estaríamos admitindo que o dinheiro e a quantidade de gente muda o comportamento linguístico das pessoas.

Ora, em contraposição a tudo isso, o que se sabe hoje é que a pesquisa linguística levada a efeito por grandes projetos coletivos dos anos 70 confirmaram a hipótese de Nelson Rossi sobre o policentrismo da sociedade brasileira, nucleada - após a intensa urbanização do país - no Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul: Rossi (1968). Nenhuma das grandes cidades brasileiras é representativa do português padrão brasileiro. Hoje se sabe que nelas surgiram padrões marcados por escolhas fonéticas e léxicas que se não complicam a intercomunicação, pelo menos não escondem os diferentes modos de falar dos brasileiros cultos, objeto de consideração nas escolas.

Impossível, portanto, escolher uma variedade regional e considerá-la o padrão do Português Brasileiro. Que cada região descreva sua variedade culta e a recomende para uso em suas escolas, sem preconceitos calcados na velha história de que “a galinha do vizinho é mais gorda que a minha”.

Aliás, se você reler o que foi dito atrás sobre variação linguística, e melhorar seu conhecimento lendo a bibliografia recomendada, verá que a própria pergunta sobre o melhor português não faz o menor sentido.

6. Então, o que faremos com as regras do certo e do errado?

Há com certeza outros rumos a imprimir ao ensino do Português como língua materna. Esse ensino tem de tomar por ponto de partida uma verdade inquestionável: o Português brasileiro é muito variado, e cada região naturalmente tenderá a firmar sua fidelidade ao Português aprendido no berço.

Castilho (1998 a, 2004) propõe como um bom caminho para separar certo do errado que cada um desenvolva reflexões pessoais sobre a língua.

Nessa proposta, a gramática deveria ser restituída à sua dimensão original, lembrando-se que no mundo ocidental os primeiros gramáticos gregos e latinos estavam mais preocupados com a eficácia do uso da linguagem no dia-a-dia, e para isso tiveram de refletir sobre as classes, as relações e as funções gramaticais, lançando as bases da reflexão sobre a língua. Tudo estava subordinado a um objetivo maior: preparar o cidadão para o exercício da democracia direta, na praça pública, naqueles bons tempos em que as maiores cidades do mundo ocidental tinham escasos 30 mil habitantes!

Um acidente de percurso fez com que, com o passar dos tempos, a gramática se autonomizasse, virasse uma disciplina com um fim em si, focalizando a atenção só no uso culto. Datam daqui os fracassos em seu ensino. Reconduzir a reflexão gramatical ao seu lugar de origem, isto é, ao uso lingüístico concreto, é uma boa hipótese para a renovação de seu ensino.

Aqui, uma pequena retificação. É preciso distinguir “gramática implícita”, aquela que adquirimos quando aprendemos a falar, da “gramática explícita”, que é o esforço sempre incompleto de descrever e interpretar a “gramática implícita”, que é o mesmo que “gramática mental”. Paralelamente a isso há a gramática normativa ou prescritiva*, que se fundamenta nas descrições para recomendar o que é certo, o que corresponde ao padrão culto de nossa língua.

A gramática implícita já foi aprendida, já está internalizada na mente dos alunos. Eles não conseguiriam se expressar, se não dispusessem dessa gramática. Na escola, o que se deve fazer é levar os alunos a explicitarem a gramática implícita. Então não há propriamente ensino de gramática da língua materna, há reflexões sobre a gramática. O que se pode ensinar são as regras encontradas no uso culto da língua, em seu uso padrão.

Entretanto, mesmo o uso culto não funciona quando passado aos alunos como uma espécie de “pacote gramatical”, como uma seqüência de pontos organizados no programa. A aula “pacoteira” é aquela em que o professor recita um “ponto” retirado de alguma gramática descritiva, faz com os alunos alguns exercícios selecionando cuidadosamente só “aquilo que encaixa”, e depois, nas provas, propõe questões que igualmente “se encaixem”. O trabalho do aluno será vomitar o que lhe foi ensinado, e assim os professores fingem que ensinaram, e os alunos fingem que aprenderam. Entre pacotes e vômitos, ao final do “processo” ninguém entende por que “não aprende Português, essa língua difícil”... Ainda bem que a inquietação que daí decorre venha sendo substituída por experimentações pedagógicas.

Ora, tudo poderia ser muito mais interessante e muito mais proveitoso se cada aula ou conjunto de aulas se constituísse à volta de um projeto de descobertas, a partir de um conjunto de dados previamente selecionados, a propósito dos quais formularíamos perguntas numa forma articulada.

Que dados seriam esses? Inicialmente, a própria fala e a escrita dos alunos. Num segundo momento, a fala e a escrita dos outros, numa extensão tal que inclua desde amostras da linguagem familiar, passando por amostras da linguagem culta, até chegarmos à língua literária.

Quando se alude à própria fala dos alunos, imaginam-se situações em que são gravadas conversas entre eles. Esses recortes de língua são a seguir transcritos, o que permitirá ao professor e aos alunos desenvolverem uma série de observações sobre os mecanismos da língua falada. Trechos

narrativos dessas conversas serão escritos, e novas observações intuitivas sobre como se fala e como se escreve poderão ser desenvolvidas, mormente porque o autor desses dados é o mesmo indivíduo.

E que perguntas articuladas formularíamos a propósito desses dados? Uma primeira bateria de questões contemplaria os processos conversacionais que usamos diariamente, dos quais, entretanto, temos uma consciência escassa. Como se organiza uma conversa? Como se dá a passagem dos turnos conversacionais? Que faz o ouvinte para tomar o turno? Que faz o falante para defender seu turno? Que marcas lingüísticas encontramos nesses jogos?

Essas análises de pragmática lingüística seriam seguidas de análises da organização textual. Como são desenvolvidos os assuntos num texto? Dizemos novidades o tempo todo, ou repisamos coisas já ditas ou já escritas? Que processos lingüísticos são usados para dizer o novo ou repetir “o velho”, em matéria de informação? Que unidades do texto falado e do texto escrito contêm esses bocados de informação? Como essas unidades são articuladas formalmente, ou por outras palavras, como são os conectivos textuais?

Após esse percurso, chega-se finalmente à análise gramatical dos textos constituídos em sala de aula. Quais são as classes de palavras que ali encontramos, e qual é sua função? Em que unidades de complexidade crescente as palavras se agrupam? Qual é o formato dos sintagmas e das sentenças? Como uns e outros se interligam no enunciado? Haverá alguma correspondência entre conectivos textuais e conectivos sentenciais? Quais são os expedientes sintáticos através dos quais alteramos sentenças de base, tendo em vista a eficácia da interação?

Para mais detalhes sobre esta proposta, leia de Ataliba T. de Castilho “Refletindo sobre a Língua Portuguesa”, neste Portal.

Dados, perguntas sobre os dados, elaboração das respostas, recriação da gramática explícita em sala de aula. A solução de nossos problemas sobre o certo e o errado passa por aqui. Verificar depois como se arranjaram nestas questões aqueles que já escreveram livros sobre a língua. No ritmo aqui sugerido - e já testado em mais de um ambiente - as questões da língua ganham sua verdadeira dimensão, retomam sua vitalidade, transformando as aulas em lugares de descoberta científica. Os alunos se transformam em colegas do professor, e não há demagogia nesta afirmação, afinal alunos e professor adquiriram em sua infância a gramática implícita da mesma língua.

Uma bateria de projetinhos recairia sobre as regras do português correto ensinado nas gramáticas, em programas de televisão e em colunas de jornais. Como essas regras estão (ou deveriam estar) fundamentadas na observação do uso culto, tomemos como materiais jornais e revistas de grande circulação, observando como seus autores se comportam com respeito a essas regras. Em lugar de tentar transformar a cabeça dos alunos num armário de regras ditadas de fora para dentro, devia-se propiciar que eles mesmos descubram essas regras, conduzidos pela liderança do professor em sala de aula, não por imposições, não pela recitação de regras que muitas vezes nem os próprios professores aplicam em seu dia-a-dia.

7. Novas perguntas

1. Quais são as características do falar nordestino (por exemplo, pernambucano e bahiano), do sudeste (por exemplo, carioca e paulista) e do extremo sul do Brasil (por exemplo, gaúcho)?
2. Escreva um texto em linguagem corrente e outro em linguagem técnica contando um mesmo evento. Uma trombada de carros na esquina, por exemplo. Como um passante descreveria a cena? E como o policial encarregado do trânsito vai preencher seu boletim de ocorrência, o famoso “BO” ?
3. Qual é a importância de saber como é o Português culto? O que os gramáticos fazem para identificar o Português culto e a norma gramatical?
4. O que é e como funciona o preconceito linguístico?
5. Como no Brasil se tem encarado o tema da norma gramatical ?

8. Leituras recomendadas

1. Sobre Dialetologia e Sociolinguística: Castilho (1973), Tarallo (1985), Mollica / Braga (Orgs. 2003), Calvet (2002).
2. Sobre a variação linguística e o preconceito linguístico: Lavandera (1984), Bagno (1997, 1999, 2000).
3. Sobre o português culto e a questão da norma: Castilho (1978 a, 1979, 1980, Org. 1989), Bagno (Org. 2001, 2003).
4. Sobre como desenvolver reflexões sobre o Português: Travaglia (1996), Ramos (1997), Castilho (1998), Bagno (2001), Mattos e Silva (2004).

9. Glossário

Texto: Como é essa história de falar certo e de falar errado?

- Dialetos - Variedade linguística* especificada por sua distribuição geográfica. O Português Brasileiro compreende dialetos do Norte (amazônico, paraense, amazônico), do Nordeste (pernambucano, bahiano), do Sudeste (caipira, carioca), do Centro-Oeste (cuiabano) e do Sudeste (paranaense, catarinense, gaúcho).

Inicialmente opunham-se os *falares*, variedades regionais de fácil intercompreensão, aos *dialetos*, variedades regionais de difícil intercompreensão. Por essa distinção, o Brasil só dispõe de falares.

Recentemente, deixou-se de lado o termo *falar*, e *dialeto* se generalizou como termo indicador das variedades regionais assinaladas por diferentes graus de intercompreensão.

- Dialetoлогия - Dialetoлогия (ou Dialectologia) - Disciplina da Linguística que estuda os dialetos, valendo-se de registros magnetofônicos, seguidos da anotação dos resultados fonéticos, vocabulares, morfológicos, sintáticos e semânticos nos pontos do território em que eles ocorreram. O mesmo que Geografia Linguística.
- Sociolingüística - Estudo das relações entre a língua e a sociedade. Entre os assuntos estudados pela Sociolingüística estão os valores que uma sociedade associa a diferentes variedades da língua, e os efeitos do contato entre línguas diferentes.

Texto: Graus de intimidade com o interlocutor

- Morfologia - Parte da gramática que estuda a estrutura das palavras, ou seja, a junção de morfemas e lexemas. A Morfologia compreende dois grandes domínios: Morfologia Flexional, que é o estudo dos morfemas regulares, que disponham de um comportamento previsível, como por exemplo os morfemas de plural, de pessoa, de modo e tempo, etc.; Morfologia Derivacional, que é o estudo dos morfemas de comportamento irregular, imprevisível, como por exemplo os morfemas *-mento* e *-ção*: o primeiro ocorre em *casamento*, mas não ocorre em **falamento*, ao passo que o segundo ocorre em *falação*, mas não ocorre em *casação*, a menos que se queira referir o ato de casar-se muitas vezes.
- Linguística Histórica - Ramo da Linguística que estuda o surgimento, a mudança e a morte das línguas naturais. Compreende a História social da comunidade que deu surgimento a uma língua e a mantém, e a Mudança gramatical, investigando as alterações fonológicas, morfológicas e sintáticas das línguas naturais.

Texto: Onde se fala o “melhor português”?

- Língua Literária - Variedade linguística escrita, caracterizada pela busca de individualidade e fundamentada num projeto estético. A língua literária é bastante marcada pelos movimentos estéticos tais como o Romantismo, o Modernismo, etc. Distingue-se da língua corrente por buscar marcas próprias, fugindo da expressão banal, rotineira.

Texto: Então, o que faremos com as regras do certo e do errado?

- Gramática normativa ou prescritiva - Disciplina que informa como devem expressar-se as pessoas escolarizadas, as pessoas que querem usar expressões prestigiadas na comunidade.
Ver norma gramatical